



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DEUZIANA RAISSA PAULINO FERREIRA SILVA**

**ANÁLISE DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NOS CONTEÚDOS DO 7º ANO DA**  
**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO MEIRA DE SÁ**

**CAJAZEIRAS – PB**  
**2016**

**DEUZIANA RAISSA PAULINO FERREIRA SILVA**

**ANÁLISE DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NOS CONTEÚDOS DO 7º ANO DA  
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO MEIRA DE SÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de geografia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – PB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

**Linha de pesquisa:** Ensino

**CAJAZEIRAS – PB  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586aSilva, Deuziana Raissa Paulino Ferreira

Análise das categorias geográficas nos conteúdos do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Meira de Sá / Deuziana Raissa Paulino Ferreira Silva. - Cajazeiras, 2016.

66f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2016.

1. Geografia - estudo e ensino. 2. Geografia escolar. 3. Ensino de geografia. I. Alves, Cecília Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU-911:37

**DEUZIANA RAISSA PAULINO FERREIRA SILVA**

**ANÁLISE DAS CATEGORIAS GEOGRÁFICAS NOS CONTEÚDOS DO 7º ANO DA  
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO MEIRA DE SÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de geografia do Centro de Formação de Professores de Cajazeiras – PB, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Geografia.

Monografia aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2016

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador Prof.<sup>a</sup> Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves  
Curso de Geografia/Centro de Formação de Professores/UFCG

---

Prof. Dr. Marcelo Henrique De Melo Brandão  
Curso de Geografia/Centro de Formação de Professores/UFCG

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo  
Curso de Geografia/Centro de Formação de Professores/UFCG

A meu Deus, pela oportunidade de ter concluído o curso de Licenciatura em Geografia, e pela presença constante em minha vida, permitindo que eu tivesse força para continuar.  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos de curso muitas foram as pessoas que me ajudaram, dando-me sempre força para continuar, e a estes agradeço.

Aos meus amados pais, Fabiana Paulino e Deuzimar Roberto, por ter feito sempre de tudo para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar apesar das dificuldades.

A meus velhinhos, Geralda Lourenço e Raimundo Paulino, pela acolhida em sua casa permitindo que eu deslocasse até a universidade, além dos meus lanchinhos sempre feitos com muito amor.

Aos meus tios, tias e primos que sempre se mantiveram a disposição para ajudar sempre que eu precisei em especial, Vilani, Ricardo e Victor.

Aos meus irmãos que tanto amo, Deuzilene Raquel e José Diego, pelo carinho e apoio.

Ao meu esposo amado Lucas pelo apoio, amor e paciência, estando sempre do meu lado.

A minha orientadora Cícera Cecília, pela atenção e orientação e também pelos puxões de orelhas de vez enquanto, obrigada.

Aos meus colegas de curso, que de forma direta ou indireta, contribuíram na nossa formação, em especial a Daiane Vitoriano, amiga que com certeza levarei para o resto da vida.

Aos professores que constituem o curso de Licenciatura em Geografia na UFCG Campus Cajazeiras, sem seus ensinamentos nada disso teria sido possível, sempre me lembrarei de vocês.

Aos parentes e amigos que com certeza estão felizes com esta minha conquista.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram com essa conquista, meu muito obrigado!

Obrigado a Deus!

*O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficiência, da memorização mecânica dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica.*

Paulo Freire

## RESUMO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa realizada na Escola Municipal Ensino Fundamental Antônio Meira de Sá, Aparecida-pb. Tem como objetivo geral: Analisar quais são as realidades e desafios que se encontra no ensino de geografia discutindo os principais conceitos e categorias representados pela disciplina considerando sua amplitude e verificando o método de ensino aprendizagem. A pesquisa se desenvolveu a parti das seguintes metodologias: É de cunho bibliográfico, pois utilizou a pesquisa em livros, artigos, periódicos e outros materiais da internet; Se apresenta como teórica e empírica Pois, envolve teoria e prática; Quanto a sua natureza se classifica como qualitativa e quantitativa e se apresenta como um estudo de caso já que tem uma área especifica para a realização da pesquisa. Primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática, começando por um recorte histórico sobre a ciência geográfica até chegar à definição de seu objeto de estudo o espaço geográfico, em seguida foi feita algumas considerações sobre o ensino de geografia na contemporaneidade e a importância das categorias geográficas para o ensino. Através da análise dos dados foi possível perceber que muitos são os desafios encontrados na sala de aula, verificou-se ainda que as categorias geográficas são bem trabalhadas pela professora, porém a escola não dispõe de recursos didáticos eficientes que possam auxiliar no processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, o recurso mais utilizado é o livro didático, no entanto, a professora apresenta clareza na apresentação dos conceitos e o desenvolvimento de uma aula bem dinâmica, mantendo sempre a relação professor e aluno e a participação desses, respeitando os conhecimentos que eles já construíram.

**Palavras-Chave:** Ensino. Geografia escolar. Categorias geográficas.

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b> Vista frontal da EMEF Antônio Meira de Sá.....	48
--	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> Características gerais do Ensino Fundamental II.....	49
<b>Tabela 02</b> Características da formação docente da professora regente.....	50
<b>Tabela 03</b> Delineando a turma.....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> Recursos didáticos elencados como.....	55
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 UM OLHAR SOBRE O PENSAMENTO GEOGRÁFICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 Ciência geográfica.....	19
2.3 O objeto de estudo da Geografia: o espaço.....	24
<b>3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE: algumas considerações.....</b>	<b>28</b>
3.1 As categorias geográficas no ensino da geografia.....	33
3.1.1 Lugar.....	35
3.1.2 Espaço.....	35
3.1.3 Paisagem.....	37
3.1.4 Região.....	39
3.1.5 Território.....	40
<b>4 REALIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIO MEIRA DE SÁ.....</b>	<b>43</b>
4.1 Geografia: recursos didáticos.....	46
4.2 Caracterização geral da escola.....	48
4.3 Categorias geográficas e a visão da professora.....	50
4.4 Categorias geográficas visão dos alunos.....	54
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXOS</b>	

## INTRODUÇÃO

A Geografia, ainda hoje, nos sistemas de ensino, muitas vezes é ensinada de forma desconexa da vida dos alunos e não utiliza em grande parte o aparato conceitual dessa ciência, porém esses são as bases dessa ciência então falar de qualquer conteúdo relacionado à geografia sem considerar.

Muitos são os desafios que o professor encontra na sala de aula, o que se aprende na academia esta longe da realidade que se encontra nas escolas da atualidade, assim o professor deve buscar sempre os melhores métodos para desenvolver aulas interessantes. No que se refere ao ensino de geografia esses questionamentos ainda são maiores, muitas foram às lutas para torna essa ciência importante e parte de um currículo. No entanto alguns não dão a sua devida importância sendo necessário o professor enfatizar sobre essa. As categorias geográficas são base para a geografia e deve ser trabalhadas da forma mais clara possível para que os alunos consigam relacionar todos os conceitos utilizando no seu dia a dia. A geografia busca entender a relação homem e natureza o entendimento de seus conceitos chaves dão sustentação a essa ciência.

Na geografia escolar o professor é o principal responsável por promover situações em que se possa trabalhar toda a temática espacial e suas relações que são os aportes para essa ciência. Tem a sua disposição vários recursos para facilitar o processo de ensino aprendizagem. Uma vez que o ensino de geografia tem como objetivo contribuir na formação de cidadãos participativos, sendo necessário que estes sejam capazes de compreender as modificações ocorridas no espaço geográfico.

Assim o presente trabalho tem como objetivo: Analisar quais são as realidades e desafios que se encontra no ensino de geografia discutindo os principais conceitos e categorias representados pela disciplina considerando sua amplitude e verificando o método de ensino aprendizagem. tomando como área de estudo a Escola Municipal Antônio Meira de Sá na cidade de Aparecida – PB.

Para desenvolver a pesquisa utilizou as seguintes metodologias: pesquisa bibliográfica, é um trabalho teórico e empírico, de caráter qualitativo e quantitativo com aplicação de questionário, considerando os seguintes aspectos: as metodologias utilizadas, buscou-se identificar como estavam sendo trabalhadas as categorias geográficas no Ensino Fundamental II. Considerando tais categorias, bem como os pressupostos metodológicos desses conceitos,

diante de todas as modificações ocorridas na sociedade contemporânea, se reflete sobre a importância do estudo das categorias geográficas de uma forma contextualizada.

Este trabalho foi estruturado nos seguintes capítulos: O primeiro tem como título Um olhar sobre o pensamento geográfico apresentado as principais correntes que contribuíram para o surgimento dessa ciência até chegar na sua efetivação como ciência geográfica, e sua constituição no Brasil e definição do seu objeto de estudo.

No segundo capítulo, intitulado o ensino de geografia na contemporaneidade: algumas considerações vêm mostrar a importância da geografia na sociedade atual, qual a realidade dessa sala de aula, quais são os desafios para o professor, enfatizando a importância das categorias geográficas para essa ciência.

O terceiro capítulo compreende a: Realidades e desafios no ensino da geografia na escola M. E. F. Antônio Meira de Sá. Destaca a importância dos recursos didáticos, apresenta à caracterização da escola, as proposições metodológicas, a visão do professor sobre o processo de ensino aprendizagem, e dos alunos sobre as metodologias e o conhecimento sobre as categorias geográficas, as informações e interpretações contidas nesse capítulo foram pautados em questionário aplicados para professor e aluno e a partir dessas foi possível construir tabelas e gráficos. Finalmente são apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa.

## 2 UM OLHAR SOBRE O PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Para entender a ciência geográfica tal como ela é hoje faz necessário uma reflexão a cerca de sua formação e de seu desenvolvimento como ciência geográfica, bem como a sua contribuição para o conhecimento científico e a importância da geografia como ciência social.

A evolução do pensamento geográfico surge a partir das relações políticas, econômicas e culturais. Dessa forma, serão apresentadas aqui as principais correntes da ciência geográfica, seu diferente paradigma até chegar à geografia crítica e renovada.

Como enfatiza Seabra:

Para que se possa compreender a geografia como ciência, seus objetivos, métodos e importância para a sociedade, é necessário averiguar como ela se formou, e como procedeu sua evolução. Tomar conhecimento das sucessivas fases do desenvolvimento da ciência geográfica até atingir o elevado grau de organização e reconhecimento, é o procedimento mais seguro para compreender os seus princípios e os métodos necessário ao alcance das metas e dos objetivos associados a espacialização (SEABRA, 2007, p. 49).

O conhecimento da ciência geográfica foi sendo construído ao longo da história por vários estudiosos, através de análise das sociedades primitivas até chegar ao momento atual. Muitos foram os fenômenos ocorridos desde a pré-história até a configuração espacial que se apresenta hoje.

Desde os períodos mais remotos da sociedade que se tem registro, o homem vivia em grupos se mudando de um lugar para o outro, a procura de meios para sua sobrevivência dessa forma ele conhecia o espaço em que vivia. A partir desse momento relatos sobre a superfície da terra começam a se feitos.

Podemos dizer que a geografia surge com os gregos que foram os primeiros a registrar informações dessa ciência, através de suas viagens fazendo descrições dos lugares onde passavam. Preocuparam-se também com a explicação da forma da terra e a medição do espaço.

Seabra (2007), destaca alguns estudiosos dessa época como Tales de Mileto que trabalhava com a física terrestre, ele acreditava ainda que a explicação para origem da terra estava na água. Anaximandro de Mileto discípulo de Tales elaborou o primeiro mapa mundida época, o segundo mapa foi elaborada por Hecateu de Mileto, que viajou o mundo e

escreveu um livro contando suas observações, chamado de *Descrição da Terra*. Erastóstenes foi o responsável pelo sistema de coordenadas e medição da circunferência terrestre.

Além dos gregos, os romanos também contribuíram com a geografia, como mostra Seabra:

Claudio Ptolomeu revelou-se outra grande expressão romana do pensamento geográfico. A ele interessava, principalmente, os aspectos matemáticos da elaboração de mapas e o levantamento de planta. Aperfeiçoou os métodos de projeções cartográficas e introduziu no vocabulário palavras como paralelos e meridianos, para as linhas de latitude e longitude (SEABRA,2007,p.52).

Nesse momento desenvolvem-se duas tendências, uma defendida pelos gregos que era a geografia descritiva, onde os geógrafos não devem se preocupar com o que esta fora do mundo habitado, e outra pelos romanos, a geografia matemática, por muito tempo houve uma separação dessas duas correntes como se uma não dependesse da outra, essa separação perpetuou por longos anos, movimento que ficou conhecido como dualismo geográfico.

A evolução da geografia deve-se aos geógrafos mulçumanos com o impulso do comércio e a ânsia por novas terras permitiu que conhecimentos sobre o planeta fossem construídos, nas viagens que eram feitas naquela época.

No século XV ao XIX grandes feitos foram realizados dentro da ciência geográfica, o aperfeiçoamento da cartografia, novos instrumentos de medição, a teoria do heliocentrismo, a separação da geografia geral destaque para as características físicas e da geografia regional que trabalhava a descrição dos países (cronológicos e topográficos).

Nessa época, o filósofo Emanuel Kant ganhou destaque com seus trabalhos, ele acreditava que o conhecimento pode ser adquirido por dois processos: Através da experiência – empirismo, e através do raciocínio – que seria o conhecimento teórico.

No século XIX, surge uma doutrina filosófica conhecida como positivismo que serve como base para a geografia tradicional, tem como percussor Augusto Comte, para ele a verificação da experiência é a única forma de se encontrar a verdade e que a observação é a base do conhecimento.

Os positivistas acreditavam que o homem é apenas um observador dos acontecimentos que ocorrem a sua volta só fazendo parte do ambiente como um elemento a mais, não interferindo diretamente com este. Nesse contexto, a relação homem natureza não é importante. Como enfatiza Moraes (2007, p. 40-41): “O homem vai aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como um fenômeno da superfície da terra”.

Durante esse período, tendo como base filosófica o positivismo, surge o determinismo geográfico e em contradição a ela vem o possibilismo, cada uma com seus percussores, os quais favoreceram ao desenvolvimento da geografia que conhecemos hoje.

A escola alemã de Humboldt e Ratzel acreditava que a natureza determinava as condições para o homem e que ele tinha que aceitá-las, configurando-se como determinismo geográfico.

Sobre a contribuição de Ratzel para geografia Moraes salienta:

A geografia proposta por Ratzel privilegiou o elemento humano e abriu varias frentes de estudo, valorizando questões referentes à história e ao espaço, como: A formação dos territórios, a difusão dos homens no globo(migrações, colonização,etc.),o isolamento e suas conseqüências, além de estudos monográficos das áreas habitadas. Tudo tendo em vista o objeto central que seria o estudo das influências que as condições naturais exercem sobre a evolução das sociedades.Em termos de métodos, a obra de Ratzel não realizou grandes avanços. Manteve a ideia da geografia como ciência empírica, cujos procedimentos de analise seriam a observação e a descrição (MORAES, 2007,p.71).

Todos os estudos de Ratzel estavam voltados para o paradigma de como a natureza determinava o modo de vida de cada sociedade ou a influência que essa exercia sobre o mesmo, pautado nas observações e nas descrições dos fatos estudados.

Ao contrário, é fundada a escola francesa de Vidal de La Blache com o possibilismo geográfico que dizia que o homem é um agente transformador do meio em que vive.

Sobre o possibilismo geográfico Moraes discorre:

A teoria de Vidal concebia o homem como hóspede antigo de vários pontos da superfície terrestre,que em cada lugar se adaptou ao meio que envolvia, criando, no relacionamento constante e cumulativo com a natureza, um acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes que lhe permitiram utilizar os recursos naturais disponíveis. A este conjunto de técnicas e costumes, construído e passado socialmente, Vidal denominou “gênero de vida”,o qual exprimiria uma relação entre a população e os recursos, uma situação de equilíbrio, construída historicamente pelas sociedades. (MORAES,2007,p.81)

Desse modo, o homem é um ser ativo que sofre influência da natureza, porém ele consegue modificá-la, moldando-a as suas necessidades. A relação homem e natureza, nessa perspectiva, ocorrem em forma de trocas, ou seja, tanto o homem consegue sobrepor a natureza, como a natureza também consegue modificar o modo de vida das sociedades.

A teoria proposta por La blache procurava ir além das observações, que era o que se tinha até o momento. Construída dentro da escola francesa tem sua base crítica, muitos ligam o pensamento geográfico a Vidal de La blache, mas como já foi apresentado nas discussões sobre a geografia, são antigas. A verdade é que, nessa época, surge uma geografia diferente que vai além de mera descrição.

Após todas essas correntes do pensamento geográfico surge mais uma, conhecida como racionalista tendo como percussor Hartshorne com o objetivo de rever as ideias possibilistas e deterministas. “O fato de se denominar racionalista esta corrente advém de sua menor carga empirista, em relação às anteriores” (MORAES, 2007, p. 95).

A corrente racionalista encerrou um ciclo da geografia tradicional. Sobre essa conjuntura Moraes (2007, p. 101) discorre: “Deixou fundamentos, que mesmo criticáveis, delimitaram um campo geral de investigação, articulando uma disciplina autônoma”.

Alguns conceitos foram elaborados dentro da geografia tradicional e serve como base geográfica até os dias atuais. Após várias discussões, são destacadas: Região, território, habitat, ambiente, área, entre outros. Ao longo dos anos, formulações foram se perdendo dentro do pensamento geográfico, vários conceitos e teorias surgiram e foram sendo trabalhadas até chegar a novos conceitos, aquela geografia fechada que não conseguia mais explicar as mudanças ocorridas na sociedade, à descrição já não conseguia explicar a realidade. Surge uma geografia renovada que rompeu com os pensamentos tradicionais da antiga geografia, onde novos caminhos e teorias foram criados.

O movimento de renovação da geografia consistiu na passagem da geografia tradicional para o surgimento de uma nova geografia, a busca por novos caminhos, novas propostas levam ao nascimento desse novo pensamento, que não foi pautada em mera descrição e observações, mais em propostas e críticas buscando novos métodos que até então não tinha sido usados.

Sobre o movimento de renovação da geografia Moraes destaca:

A busca do novo foi empreendida por variados caminhos; isto gerou propostas antagônicas e perspectivas excludentes. O mosaico da Geografia Renovada é bastante diversificado, abrangendo um leque muito amplo de concepções. Entretanto, é possível agrupá-las, em função de seus propósitos e de seus posicionamentos políticos, em dois grandes conjuntos: Um pode ser denominado Geografia Pragmática, e outra Geografia Crítica (MORAES, 2007, p. 108).

Na geografia renovada você tem a divisão de duas vertentes: a pragmática e a crítica, e ainda a geografia da percepção. A geografia pragmática tem uma linguagem mais complexa, valoriza dados quantitativos, transformando a realidade em números. Já a geografia crítica surge atrelada aos estudos de Karl Max, busca uma análise social da realidade, interessada em promover uma sociedade mais justa. A geografia da percepção se preocupa em analisar como o espaço é produzido com uma visão mais humanística.

A geografia pragmática é uma corrente que trouxe novos métodos e formulações, favorecendo muitas mudanças na abordagem metodológica da geografia, o seu conhecimento

estava apoiada no empirismo, pautada na investigação científica, seus resultados devem ser claros, destacando o uso de modelos matemáticos e estatísticos. Com base nessa teoria, as observações em campo seriam deixadas de lado e o ambiente de estudo passou a ser o laboratório, a geografia clássica descritiva foi deixada de lado. Essa corrente estava pautada no uso dos números era quantitativa.

Os marxistas criticavam essa corrente, pois, ela não estava pautada em nenhuma base filosófica ou epistemológica, que estavam apenas preocupados em manipular dados, sem se importar com as questões sociais.

Outra corrente que surge dentro desse movimento de renovação da geografia é o da percepção, pautada na observação. O observador deve descrever os espaços através da forma como ele ver e sente cada um. Dessa forma, cada pessoa percebe o espaço de forma diferente. Busca ainda entender como as pessoas sentem e agem no espaço vivenciado, uma vez que procuram mostrar o mundo através da experiência e observações de cada um.

Assim, os comportamentalistas consideram as formas como se vivem no ambiente, os geógrafos cognitivos usam o processo de cognição para se estudar a percepção do espaço. Uma produção dentro desse estudo são os mapas cognitivos e a percepção do meio.

Outro lado desse movimento de renovação da geografia é a denominada geografia radical ou crítica. Em meados da década de 70, a revolução quantitativa veio a cair diante das novas oportunidades que surgiram com a geografia radical que apareceu em respostas aos fenômenos sociais que estavam acontecendo no momento.

A geografia radical buscou intervir no processo político e social através de expedições na sociedade para a investigação humana dos geógrafos, onde os problemas sociais deveriam ser investigados.

Seabra salienta:

Exigindo priorização dos temas sociais na explicação dos processos de produção do espaço geográfico, a geografia crítica, inspirando-se no materialismo histórico dialético, incorporou à ciência geográfica conceitos até então pouco usuais, como modo de produção, relações de produção, produção diferenciada do espaço, espaço dividido, entre outros (SEABRA, 2007, p.82).

A geografia crítica tem como pressuposto que as disparidades sociais e regionais sejam diminuídas, fazendo uma crítica à geografia tradicional que tinha suas bases no empirismo e na descrição, para eles as observações já não conseguem explicar os

acontecimentos e as relações ocorridas no espaço para isso faz necessário ter um estudo mais profundo que vai muito além de números e narração de fatos .

Dessa forma a qualquer um que se proponha a trabalhar com geografia faz necessário uma viagem sobre o pensamento geográfico e todas as mudanças ocorridas até chegar a sua definição. As lutas ideológicas e as discussões a cerca dessa ciência foi responsável pelo conhecimento que temos hoje, sobre o que é geografia e toda a sua história.

## 2.1 Ciência geográfica

Para o início dessa discussão sobre a abordagem da ciência geográfica é necessário deixar claro o que seria a ciência. Segundo o dicionário Aurélio, ciência é o: “Conjunto metódico de conhecimentos obtidos mediante a observação e a experiência, informação conhecimento” (FERREIRA, 2001, p.153). Ciência nada mais é do que um conhecimento sistematizado, aprofundado.

A princípio, o conhecimento geográfico era apenas de caráter empírico estava apenas voltado para a descrição de lugares, era usado também na organização administrativa dos impérios, e ajudava na exploração de alguns recursos. A discussão sobre a cientificidade dessa ciência “foi se desenvolvendo à proporção que os navegadores necessitavam de maior segurança nas suas viagens e os exploradores precisavam descobrir minérios, sobretudo preciosos”(ANDRADRE, 1989,p. 12).

Sobre a ciência geográfica Seabra ressalta:

Além de descritiva e explicativa, ela é uma ciência crítica, dinâmica e, como as demais, esta sempre em constante transformação. Por isso, não se pode existir uma única definição para conceitua-la, de modo que cada um dos geógrafos de renome tem sua própria concepção do que seja ciência geográfica, sem, contudo, haver comprometimento de suas bases conceituais (SEABRA, 2007, p.11).

Ao longo de sua trajetória, a geografia passou por diversas teorias que foram formuladas e reformuladas até chegar a uma posição de ciência que só aconteceu no final do século XIX. Deixando claro que não é um produto final, mas que condiz com o momento atual, mostrando que evoluiu através dos tempos até chegar a essa configuração de ciência. Cada um pode observar e interpretar a geografia de uma forma diferente, sem comprometer os seus conceitos chaves.

A ciência geográfica já foi considerada como a responsável pela descrição da terra, por outros como a ciência dos lugares, pela observação das paisagens e claro desenvolveu-se o seu conceito como o estudo do espaço. Onde o espaço é o palco de todas as relações e produções do homem. Ela tem como objetivo descrever e interpretar os fenômenos ocorridos na paisagem, além da relação homem e natureza, e todas as mudanças ocorridas no planeta.

Todas essas definições que se aplicam a geografia são diferentes apenas no “nível terminológico e interpretativo e pouco em sua essência” (SEABRA, 2007, p. 14). Se você observar e analisar bem cada conceito, apesar de terem sido formuladas por pensadores diferentes e em épocas distintas elas se parecem, através desses estudos ela foi se consolidando como ciência, fato que ocorreu no século XIX. Porém, para que ela fosse considerada ciência deveria ter algo que a diferencia-se das outras. Assim, estabeleceram os princípios que “definem a geografia como ciência, são: causalidade, analogia, extensão, atividade e conexão” (SEABRA, 2007, p.14). Esses princípios traçam o caminho da ciência geográfica e a diferencia das outras ciências, justificando assim o seu objeto de estudo.

Colangelo discorre:

[...] a Geografia é a ciência que estuda a localização, gênese e evolução espaciais de objetos (coisas e eventos), naturais e culturais à superfície da Terra. Segundo esta definição, interessa-nos a princípio, tudo o que tenha expressão geográfica, ou seja, tudo que de alguma maneira se instale ou apresente consequências, diretas ou indiretas, sobre a superfície da Terra (COLANGELO, 2004, p.9).

A geografia tem algumas preocupações como as inter-relações de alguns fenômenos como o ser humano e o território, a relação homem e natureza, e principalmente como o espaço tem sido modificado. Sendo o espaço o palco das grandes realizações humanas, ressalta a sua importância para a geografia, tornando-se o seu objeto de estudo.

De acordo com Christofletti (1982), apesar de ter suas raízes históricas, foi somente no século XIX que a geografia passou a construir um status de conhecimento organizado, adentrando nas universidades. Organizada em função das obras de alguns autores, como: Alexandre Von Humboldt e de Carl Ritter, conquistando seu espaço na Alemanha e na França, pouco a pouco conseguindo chegar a outros países. As contribuições dadas pelos franceses e alemães, na primeira metade do século XX, ajudaram no desenvolvimento dessa ciência. Sendo destaque na França os trabalhos de Paul Vidal de La Blache, e na Alemanha Alfred Hettner.

A geografia teve grandes contribuições de estudiosos nessa sua trajetória como: Alexandre de Humboldt que contribuiu com suas observações através de suas expedições. Karl Ritter com sua pesquisa voltada para a organização do espaço. Friedrich Ratzel por meio

de suas reflexões voltadas para a relação do homem com o território, além de ser considerado o percussor do determinismo geográfico com sua influência da escola Alemã. Vidal de La Blache com sua escola francesa cooperou com o possibilismo geográfico. Esses pesquisadores permitiram que a geografia tornasse uma ciência reconhecida e de grande relevância para as sociedades.

Depois de toda uma dispersão pelo mundo, a ciência geográfica chega ao Brasil, no período imperial, mais de uma forma bem lenta, com estudos bem descritivos, fazendo alguns estudos estatísticos e sendo usada na produção de alguns atlas, e alguns poucos trabalhos desenvolvidos nessa época.

Sobre a geografia brasileira em caráter científico Andrade aponta: “A formação de uma geografia brasileira com caráter científico se daria a partir de 1930, quando foram criados o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as primeiras faculdades de Filosofia Ciência e Letras” (ANDRADE, 1989, p.18). Nesse momento você tinha a influência da escola alemã e uma preocupação em relação à divisão do território do Brasil. Surgem nomes de destaque como Delgado de Carvalho que teve influência da escola francesa, estudiosos de outras áreas como Josué de Castro que era médico mais se especializou na área de alimentação e lançou o livro geografia da fome. Mas foi a escola francesa que exerceu a maior influência sobre a geografia no Brasil, por causa de alguns mestres como: Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig que fazia parte da FFCL- Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de São Paulo, e François Ruellan, na faculdade Nacional do Rio de Janeiro que tinha nacionalidade francesa.

Algum tempo depois foi fundada a AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros “que teve e tem até hoje significativa importância para todos os que no Brasil, produzem conhecimento geográfico ou ensinam geografia” (PONTUSCHKA, 2009, p.45). Esses acontecimentos ocorreram na década de 30 foi quando a geografia se efetivou como ciência.

A geografia brasileira como já foi colocado sofreu grande influência da escola francesa, e conseqüentemente das teorias lablachiana. “Os princípios da escola francesa nortearam as primeiras gerações de pesquisadores brasileiros e o trabalho pedagógico dos docentes” (PONTUSCHKA, 2009, p.44).

No primeiro momento, no Brasil, a geografia chegou à escola através de licenciados, que munidos de seu conhecimento científico e de um livro didático, lecionavam aulas para vários níveis de ensino. Em outras situações era como se qualquer um pudesse ministrar aulas de geografia, era o caso dos médicos, advogados e outros.

A geografia ensinada era ainda bem tradicional, ensinada através de aulas expositivas e decorativas e, o livro didático era totalmente descritivo, até porque eram escritos por pessoas que não eram geógrafos, apesar de ter alguns autores que fugia dessa descrição e escrevia livros mais aprofundados, é o caso de Delgado de Carvalho. Carvalho também contribuiu nos movimentos ocorridos na década de 1930, que eram voltados para a reforma do ensino, além de traçadas várias discussões sobre a importância da geografia como ciência geográfica.

Quando houve a criação das USP (1934), a formação do professor de geografia mudou porque naquele momento foram criados os cursos de licenciatura e bacharelado. Já não era qualquer um que podia ministrar aulas de geografia, pois, esse novo profissional começou a procurar o seu espaço.

Como aponta Pontuschka:

A formação docente em geografia desenvolveu-se com o crescimento da produção científica baseada em trabalhos de campo, realizados com os estudantes vinculados à literatura geográfica de origem francesa ou alemã, acrescida da crítica dos professores brasileiros. O aluno, ao completar sua formação inicial tornava-se professor de história e geografia. (PONTUSCHKA, 2009, p.48).

Os licenciados em geografia e história, que naquela época terminasse o curso poderia atuar nas duas áreas, o que só veio a mudar na década de 50 com o desmembramento e passou a ter vestibular para as duas áreas.

O IBGE também coadjuvava grandiosamente com a produção de artigos, que de uma forma ou de outra acabou por chegar às escolas, através dos professores que já eram formados e também pelos livros didáticos. O ensino médio também recebeu algumas contribuições, “destacou-se o Boletim Geográfico, com distribuição por todo o território nacional mediante as agências e delegacias do IBGE” (PONTUSCHKA, 2009, p. 49). Esse boletim em sua grande parte trazia periódicos que falavam sobre o ensino e tinha uma preocupação que era a instauração de um ensino regular, além do mais queria que essas publicações chegassem a todos os lugares do país inclusive naqueles espaços mais hostis, para que todos tivessem conhecimento da importância dessa ciência. Outra fonte de publicação de destaque é o Boletim Paulista de Geografia (BPG).

Sobre o BPG Pontuschka diz:

O BPG, em que os geógrafos expunham e ainda expõem suas ideias e pesquisas, foi constituída fonte bibliográfica obrigatória dos estudantes e sendo utilizado pelos professores das escolas de ensino fundamental e médio. O boletim, desde a década de 40, vem influenciando a formação dos professores da USP e nas faculdades particulares e públicas do país (PONTUSCHKA, 2009, p.49).

Esses boletins publicam artigos, entrevistas, informações na área de geografia desde 1949 que o Boletim Paulista de geografia é publicado pela AGB. Essas publicações estão voltadas para a divulgação da ciência geográfica. Além de ser um espaço onde os geógrafos podiam expor suas ideias, e os alunos podiam ler e usar como fonte.

Dessa forma, a geografia como ciência tem evoluído rapidamente e de forma bem diferenciada “no tempo e no espaço” (ANDRADE, 1989, p.20). Significa dizer que para cada momento e nos mais diversificados espaços a geografia se configurou de uma forma diferente, ela passou pelas mais diferentes concepções até chegar a um produto final.

Como destaca Andrade, “Hoje ela não é mais a ciência que estuda e descreve a superfície da terra, mas a ciência que analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem, indicando as causas que deram origem a formas resultantes da relação entre homem e natureza” (ANDRADE, 1989, p. 20). A sociedade modifica o ambiente para atender a suas necessidades, em outros momentos da história o homem pouco modificou o meio ambiente, pois só retirava o necessário para sua sobrevivência, porém com o surgimento do sistema capitalista o homem passou a usar muito a natureza pautada na busca de lucro provocado pelo excedente que é produzido.

Assim, a geografia se constitui como ciência de grande importância para sociedade. Essa ciência tem seu objeto de estudo definido, o espaço geográfico, ou seja, o espaço produzido pelo homem. Ao longo de sua trajetória ela foi sendo aperfeiçoada, através das observações feitas pelos estudiosos da área até chegar ao produto final que conhecemos hoje e que contribui muito para nossas vidas, além de sua constituição com disciplina deixando um enorme legado de conhecimento para os nossos alunos, lembrando que isso é só o início da disciplina, ciência conhecida como geografia.

## **2.2 O objeto de estudo da Geografia: o espaço**

A definição do objeto de estudo da geografia passou por profundas discussões, por alguns foi considerada a ciência responsável por descrever a superfície da terra em um caráter físico. Em outros momentos foi concebida como ciência que estudava as paisagens, através de

observações. Outros estudiosos acreditavam que a geografia deveria estudar os lugares isoladamente.

Desde o seu surgimento a categoria espaço já passou por várias mudanças e foi vista por cada uma das correntes geográficas de uma forma diferente, tanto a geografia tradicional, a teórica, a quantitativa, a marxista, cada uma com sua especificidade, viu o espaço intrinsecamente com seu olhar.

A geografia tradicional teve o destaque de outras categorias como paisagem e região, o espaço não foi muito considerado, apesar de ter sido trabalhado por alguns geógrafos da época, mas não era enfatizado. Na geografia teórica quantitativa, o conceito de espaço foi usado pela primeira vez na história como categoria chave da geografia, o conceito de paisagem que até então era tido como o mais importante é deixado de lado e o de região é reduzido ao estudo de pequenas áreas, sendo usado somente para classificação espacial, não tendo tanta importância para essa corrente diferentemente da geografia tradicional.

A geografia crítica veio romper com a geografia tradicional e a teórica quantitativa, onde o espaço novamente vai reaparecer como categoria chave da geografia, “a identificação das categorias de análise do espaço é outra preocupação dos geógrafos críticos”(CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2000, p. 24), nesse âmbito, ele foi trabalhado muito além, foi considerado também as relações que ocorrem nesse espaço tanto as de produção como as espaciais. Já na geografia humanista, muito parecida com a crítica, porém ela reafirma lugar como base geográfica, o espaço é estudado somente como espaço vivido.

Nesse contexto, podemos ver que para cada momento da história da geografia se teve uma concepção do que é espaço, suas funções mudaram de acordo com a necessidade da geografia, categorias foram colocadas e tiradas do posto de objeto de estudo da geografia, mas por fim o espaço conseguiu se estabelecer como categoria chave da geografia.

Segundo Corrêa (2000), o espaço ao longo de sua história de organização “o homem estabeleceu um conjunto de práticas através das quais são criadas desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais” (CORRÊA, 2000, p. 35). Para cada momento, técnicas foram criadas e recriadas modificando o espaço a necessidade do homem. Assim, o homem é o principal responsável por todas essas mudanças.

O estudo da diferenciação das áreas, também contribui para o estudo do espaço, que consistia em uma área que deveria ser estudada individualmente e depois desse estudo deveria fazer uma comparação com outras áreas para assim diferenciar umas das outras. E em algum momento chegaram a discussão sobre o espaço como objeto de estudo da geografia o que a

princípio não foi aceito, por ser considerado pelos teóricos tradicionalista da geografia como um conceito muito vago.

Como podemos ver o objeto de estudo da geografia não é estático ele esta sempre em movimento, se renovando de acordo com o momento e com a própria evolução tanto da sociedade como do aprofundamento das ciências. Todas as mudanças ocorridas no mundo, a quebra de alguns paradigmas, inclusive a passagem de uma geografia tradicional para a renovada, toda essa crise fez com que alguns conceitos fosse revisto, inclusive o próprio objeto de estudo da geografia. Dessa forma a discussão sobre o espaço como objeto foi retomada pelos estudiosos da geografia moderna.

Como enfatiza Silva:

A geografia, através de sua história, vem se comportando como um emaranhado de questões diversificadas, fruto de uma divisão daquilo que é visualizável; isso faz dela uma mera disciplina que trata da aparência. Onde está a ciência? É com essa preocupação que os geógrafos críticos vêm se empenhando na procura do fortalecimento do seu objeto, ou do seu sujeito como alguns preferem. A nosso ver não há ciência sem objeto, e o espaço social é o objeto da geografia; objeto entendido enquanto movimento processo (SILVA, 2001, p.11).

A diferenciação entre espaço e tempo escreve a história do homem, inclusive das modificações que esse fez na natureza desde o seu surgimento, procurando sempre respostas e aprofundando seu conhecimento sobre a superfície da terra fez com que a ciência geográfica sempre existisse, mesmo que por muito tempo não se tivesse conhecimento disso. “A dificuldade em estabelecer tal objeto, ou um núcleo sobre o qual esse ramo específico da ciência se debruçaria, está principalmente nas contingências sociais de cada período histórico” (CORREA, 2014, p.80).

Para Santos (2012), objeto seria aquilo que o homem utiliza em sua vida cotidiana, que vai além do físico, pode ser um utensílio, mas também pode ser um símbolo, além de ser um resultado da própria história. Cada objeto representa as técnicas e a sociedade de um determinado momento.

Assim, Santos (2012, p. 72) ressalta: “Os objetos que interessam a geografia não são apenas objetos móveis, mas também imóveis tais como uma cidade, uma barragem, uma estrada de rodagem, um porto, uma floresta”. Tudo isso são objetos geográficos. Todos esses objetos fazem parte do espaço geográfico.

O espaço geográfico é uma produção humana, que o homem o produz e o transforma para atender as suas necessidades e pode ser definido como sendo palco das realizações humanas nas quais as relações entre os homens e desses com a natureza estão relacionadas.

“Formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2012, p. 63).

Espaço é um conceito mais amplo sendo que o espaço deve ser compreendido através da sua relação com o tempo sendo estes conceitos inseparáveis. Pode-se dizer que tudo que existe se situa no tempo e no espaço. O tempo seria onde as coisas ocorrem e o espaço onde estas acontecem, esse seria, pois o espaço geral abstrato, já o espaço concreto seria o espaço geográfico palco das realizações humanas, sendo composto por dois elementos principais, que seriam: A sociedade humana e a natureza, onde este é produzido através da ação humana sobre a natureza.

Dessa forma “O espaço é sempre um presente uma construção horizontal, uma situação única”, (SANTOS, 2002, p.107), onde os acontecimentos ocorrem da forma como a sociedade age sobre este.

O espaço é produzido através das modificações feitas pelo homem, essas alterações podem ser culturais e pelas condições do meio, o espaço ele pode ser natural, e artificial o ultimo é o foco deste trabalho. Esses espaços ao longo do tempo vão sendo alterados, modificados e consumidos pelo homem.

Para Santos:

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS,2008,p.33)

Os espaços são modificados de acordo com a necessidade de cada sociedade, sendo produzidos e reproduzidos pelos próprios meios de produção, atendendo as demandas de alguns. De tal modo que todo espaço é geográfico, pois surge a partir dos movimentos e dos sistemas de produção que modificam profundamente esse espaço. Sendo o espaço resultado das relações entre sociedade e paisagem, nesse tocante o espaço surge a partir de todas as modificações que o homem faz nas paisagens.

Sendo espaço um conceito amplo que deve ser entendido juntamente com o tempo. O tempo seria quando as coisas acontecem e o espaço onde elas acontecem. De uma forma mais aprofundada chegamos ao espaço geográfico é o lugar de interação entre os elementos culturais e elementos naturais, ou seja, não existe espaço geográfico sem a relação homem e natureza. Sendo esse o objeto de estudo da geografia.

Portanto, vimos à importância do objeto de estudo da geografia, percebemos que nem sempre foi dessa forma, porém nesse momento atual o espaço é muito importante para a geografia ele serve como base de sustentação para essa ciência, pois é a partir dele que todas as relações e modificações ocorrem.

No segundo capítulo será trabalhado o ensino de geografia na contemporaneidade e como esse tem influenciado nas formas de aprender e ensinar geografia. No segundo ponto irá tratar do objeto de estudo que são as categorias geográficas e sua relação com o ensino.

### **3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA CONTEMPORANEIDADE: algumas considerações**

Considerando a evolução do pensamento geográfico e a reafirmação do seu objeto de estudo, o espaço, a geografia como ciência torna-se indispensável para análise espacial, passando a destacar o ensino em seu âmbito local, regional e global, conquistando seu lugar na sociedade contemporânea. Diante disso, objetiva-se refletir sobre algumas questões que fazem parte do ensino de geografia no momento atual.

Qual a geografia que atende a necessidade de educando e educadores? Como estão sendo trabalhados os conteúdos de geografia? O que ensinar? Como ensinar? Porque ensinar? São perguntas que devem nortear os profissionais da educação em geral, mas em especial aqueles que trabalham com a disciplina geografia. É necessário refletimos sobre qual geografia estamos ensinando aos nossos futuros cidadãos.

O mundo tem se modificado de uma forma muito rápida, o avanço das técnicas fazem com que o espaço seja modificado rapidamente e acompanhar todas essas mudanças dentro da sala de aula não é tarefa fácil. A dicotomia entre a geografia tradicional e a geografia crítica leva sempre a uma dúvida: Qual abordar? Acredito que os conteúdos geográficos devem ser trabalhados em uma perspectiva crítica, pautadas sempre em questões científicas.

Como destaca Cavalcanti:

A geografia defronta-se, assim, com a tarefa de entender o espaço geográfico num contexto bastante complexo. O avanço das técnicas, a maior e mais acelerada circulação de mercadoria, homens e ideias distanciam os homens do tempo e da natureza e provocam um certo “encolhimento” do espaço de relação entre eles. Na sociedade moderna, baseada em princípios de circulação e racionalidade, há um domínio do tempo e do espaço, mecanizado e padronizado, que se tornou fonte de poder material e social numa sociedade que se constitui á base do industrialismo e do capitalismo. (CAVALCANTI, 1998,p.16).

A geografia é uma disciplina e com toda a sua especificidade tem como objeto de estudo o espaço geográfico, o avanço das técnicas faz com que na sociedade contemporânea a tecnologia informacional se dissemine por todo o mundo em todas as suas repartições, fala-se no encurtamento de distancia, mas ao mesmo tempo a distancia ela se torna cada vez maior entre homem e natureza, a sociedade passa a ver a natureza apenas como matéria prima baseado nos preceitos do sistema capitalista.

Nas últimas décadas, muitos têm sido os debates sobre as transformações ocorridas no mundo e na forma como as sociedades se organizam. Muitos teóricos tem se preocupado com

essas modificações principalmente no que diz respeito às ciências humanas. A geografia como ciência social, e por trabalhar toda a relação homem e natureza além de suas modificações no espaço esta diretamente ligada a essas discussões.

Como destaca Rego:

Muitos ainda acreditam que a geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nessa primeira década do século XXI, a geografia, mais do que nunca, coloca os seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como uma reflexão sobre a ação humana em todas as suas dimensões (REGO, 2007, p. 42).

A geografia já não é mais aquela disciplina decorativa, que os alunos decoravam vários nomes difíceis e na hora da prova tinha que reproduzir todos da mesma forma como havia sido ensinado. Hoje, a geografia tem sido trabalhada de uma forma mais evidente, os alunos devem ser instigados a produzirem seus próprios conceitos, mais sem dúvida ainda existem aqueles professores repetindo a metodologia usada há 20 anos, que já não consegue atender a demanda atual.

O ensino de geografia tem passado por uma fase de mudanças, que tem sido colocada pelo avanço da sociedade, essas redefinições acontecem em vários países inclusive no Brasil. O processo de globalização tem favorecido e exigido essas mudanças, o mundo precisa de pessoas críticas capazes de tomar suas próprias decisões. Vesentini discorre:

[...] pelo avançar da Terceira Revolução Industrial e da globalização, pela necessidade de (re) construir um sistema escolar que contribua para a formação de cidadãos conscientes e ativos como também pelas modificações que ocorrem na ciência geográfica. O sistema escolar vive mais uma vez só que em ritmo bem mais acelerado uma fase de profundas reestruturações e, no seu bojo, o ensino da geografia sofre questionamentos, propostas de mudanças radicais, tentativas de eliminação ou minimização, por parte de alguns, e de uma maior valorização, por parte de outros (VESENTINI, 2004, p.220).

A geografia tradicional em pleno século XXI, já não consegue mais satisfazer, os métodos descritivos ficaram retrógrados. O ensino de geografia tem que mostrar que é capaz de formar cidadãos participativos capazes de compreender as relações do mundo em que vivemos em todas as suas escalas sejam elas globais ou locais.

Cavalcanti (1998) destaca que o ensino de geografia, não pode ser trabalhado só na perspectiva descritiva, que muitas das vezes são enraizados na “memória” dos “alunos”, o que deve ocorrer na verdade é a criação de situações onde o aluno seja capaz de entender a importância do “espaço geográfico”.

Todavia, vale ressaltar que o ensino no momento atual não pode ser determinado, pronto e acabado, mas o professor deve ser aquele que aprende ensinando e não ver seu aluno apenas como receptor de conteúdo, mais sim como produtor. Deve ser considerado também que o aluno tem um conhecimento, uma história e a partir dessas características o professor pensar na melhor forma de se produzir conhecimento geográfico. Como pontua Cavalcanti:

[...] persiste a crença, explícita ou não, de que para ensinar bem basta o conhecimento do conteúdo da matéria enfocada criticamente. Ou seja, para que o ensino de geografia contribua para a formação de cidadãos críticos e participativos bastaria que o professor se preocupasse em trabalhar em sala de aula com conteúdos críticos baseados em determinados fundamentos metodológicos dessa ciência (CAVALCANTI, 1998, p. 21).

A discussão sobre o processo de ensinar deve ir bem mais além que a dicotomia teoria e prática, sendo importante uma reflexão sobre o que ensinar, pois uma boa aula vai além dos conteúdos do livro, sendo necessário considerar o contato entre o aluno e o meio em que esse vive, já que essa relação não pode ser esquecida nem deixada de lado no processo de ensino aprendizagem da ciência geográfica.

Entretanto, o desenvolvimento da tecnologia da informação tem permitido que o mundo avançasse de uma forma nunca vista antes. A comunicação e a informação ocorrem em tempo real, permitindo que todo mundo tenha acesso a conhecimento do mundo todo, tudo isso com muita facilidade. Podemos até dizer que a informação qualquer que seja esta ao alcance das mãos. Desenvolver uma aula atrativa para alunos que já tem um conhecimento tão avançado se torna um desafio. De acordo com Cavalcanti:

De fato, o advento das tecnologias nas áreas apontadas leva a que as pessoas vivenciem o mundo de modo mais próximo, provocando familiares antes impossíveis entre determinados lugares e suas representações pelos meios de comunicação; com essas tecnologias é também possível impor estilos de vida internacional, globais, por meio da adesão, por cidadãos do mundo inteiro, ao consumo de alguns produtos e serviços que estão no marco de um mercado internacional (CAVALCANTI, 2012, p.16).

Chamar atenção do alunado é tarefa árdua, o interesse se torna algo cada vez menor entre os estudantes. O processo de globalização permite que culturas sejam implantadas pelo mundo, fazendo uma mistura de estilos de vida, o consumismo se torna uma das maiores armas desse sistema, quase todo mundo do globo pode ter acesso a certos produtos e informações, independentemente da localização da mesma. Essas novas tecnologias tanto pode contribuir como também atrapalhar o desenvolvimento do ensino de geografia.

No momento atual o acesso às novas tecnologias tem sido cada vez mais fácil, e com essas opções fica cada vez mais difícil o professor em relação às disciplinas em geral, inclusive em geografia. Como enfatiza Moura e Alves:

O mundo atual tem colocado novos desafios para a escola e para o ensino que se desenvolve no seu interior, particularmente, o de Geografia, disciplina que pode contribuir significativamente no processo educativo, pois sabe-se que ela (juntamente com as outras disciplinas na escola) tem como objetivo contribuir com a formação do aluno cidadão, dando-lhe instrumentos para realizar a “leitura” da realidade em que vive, e assim vir a ser um agente de transformação, ou ainda, um sujeito social capaz de construir sua própria história (MOURA; ALVES, 2002, p.309).

Na geografia se tem a oportunidade de se aprender praticando, apesar de todas as dificuldades professor não deve desistir, a educação é a chave para o crescimento de uma sociedade tanto no âmbito econômico, político e social. A geografia é uma ciência que interage com outras disciplinas e com o ser humano e o aluno devem ser capaz de compreender as relações que acontecem no ambiente em que vive.

Vivemos um momento de mudança, uma transição de uma escola mais conteudista para uma escola de mais competência, onde os alunos devem aprender a aprender, interpretar saber lidar com situações do cotidiano, essa é a escola do século XXI. A geografia se torna indispensável, ela é a responsável pelas explicações das relações entre homem e meio, fazendo uma análise sócio espacial dessa realidade em que se vive.

O ensino de geografia é desafiante para os professores, pois exige que estes, dominem além dos conceitos geográficos saibam desenvolver no aluno o desejo pelo conhecimento geográfico, contextualizando com a realidade que cada um está inserido. Mostra que a “geografia escolar é de suma importância para a construção dos conceitos e categorias geográficas, despertando no aluno o interesse pela compreensão do espaço consolidado na concepção do espaço modificador [...]” (ALVES; SIEBRA, 2009, p.3).

O professor é o mediador de conhecimento é sua função escolher os conteúdos e as formas de ensinar, lidando sempre da melhor forma possível com os desafios que a sociedade impõe: ensinar e aprender, atos indissociáveis. A abordagem que o professor utiliza no desenvolvimento de sua aula e de grande valia, ao longo da história esse métodos foram sendo modificados.

Sobre a abordagem geográfica na sala de aula Albuquerquecita:

Uma abordagem difundida atualmente diz respeito a uma aproximação entre a geografia fenomenológica e o construtivismo, na linha mais piagetiana. Essa corrente entende que as metodologias devem ser construídas de modo a considerar

efetivamente os saberes prévios do educando no processo de ensino aprendizagem (ALBUQUERQUE,2011, p.28-29).

Nessa perspectiva, é necessário superar a velha descrição e memorização geográfica, desenvolvendo um ensino construtivista, o conhecimento adquirido pelo aluno antes do contato com os conteúdos geográficos devem ser levados em consideração, pois será a partir desse conhecimento comum que outros mais elaborados vão ser construídos.

Constata-se que, “na contemporaneidade, não cabe mais uma visão positivista de ensino baseada unicamente na transmissão mnemônica. Ao contrário, deve-se compreendê-lo como instrumento de compreensão da realidade”(FIALHO; MACHADO; DE SALES, 2014,p.205-206).Portanto, a importância da geografia não está só em você conhecer nomes de países, religião entre outros, mas também em compreender as diferentes ações que ocorrem nesse espaço.

Segundo Sacramento (2012), o mundo atual está impregnado por signos, códigos e linguagens que podem ser interpretado de varias maneiras, a compreensão e as formas de organização da escola devem ser voltadas para propiciar a aprendizagem. Na prática educativa, cada momento torna-se importante para a construção de diferentes propostas metodológicas que possibilitam a articulação dos professores e o desenvolvimento de saberes de cada aluno.

Assim os conteúdos geográficos devem ser todos bem estruturados, com objetivos bem definidos, trabalhar principalmente com aqueles de maior relevância para a sociedade, onde os alunos devem usar esses conteúdos para a compreensão das mudanças do espaço. O professor deve desenvolver metodologias que permitam que o alunado construa suas próprias opiniões vistas de uma forma crítica, construindo assim, seres pensantes e ativos.

O que se pode identificar é que as mudanças ocorridas nesse momento contemporâneo têm favorecido a uma discussão, impondo que o ensino de geografia deve ser repensado, na perspectiva de mudança e construção de pensamentos críticos e ações de cidadania. Do ponto de vista de Cavalcanti (1998), “o ensino de geografia deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista de sua espacialidade”. Desde os acontecimentos em um âmbito local até questões globais é necessário que os indivíduos tenham uma consciência espacial sobre esses fatos. “A finalidade de ensinar geografia para crianças e jovens deve ser justamente a de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço” (CAVALCANTI, 1998, p.24).

Alguns ainda têm a concepção que o professor trás da academia o conhecimento pronto e acabado, sendo seu trabalho apenas repassar para os alunos, mero engano, a função

do professor não deve ser resumida somente repassador de informação. A postura do professor frente a essa situação, e tomar a decisão de mostrar que ele produz conhecimento geográfico definindo assim metodologias capazes de atender a essa demanda. Existem vários meios para melhorar as forma de ensinar nesse momento contemporâneo que vivemos.

Sobre o conhecimento geográfico e sua importância social, Brasil destaca:

O estudo de Geografia possibilita aos alunos a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências (tanto para si como para a sociedade). Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as atuais redefinições do conceito de nação no mundo em que vivem e perceber a relevância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações (BRASIL, 1998, p.29).

O ensino de geografia na contemporaneidade deve ter como foco principal, mostrar aos alunos que eles fazem parte como cidadão da sociedade, entendendo que exercer cidadania e ter um sentimento de pertencimento aquele espaço, que as relações entre homem e natureza fazem parte de um todo integrado, sendo necessário que cada um compreenda que é ser participante desse processo.

Por fim, é necessário valorizar as práticas pedagógicas permitindo que os alunos vivenciem situações diferentes, onde possam construir seus próprios conceitos geográficos, esperando assim que desenvolva capacidades que vá além de situações mnemônica. Portanto é importante também valorizar a realidade de cada um, pois é a partir do seu cotidiano que ele vai desenvolver competências capazes de compreender acontecimentos globais. Deixando de lado a concepção que o professor é transmissor de conhecimento, e sim compreendendo que ele é mediador no processo de ensino aprendizagem, e sua função é de grande valia no momento atual.

### **3.1 As categorias geográficas no ensino da geografia**

Estudar geografia é entender o mundo em que vivemos, e é através desse estudo que podemos compreender os diferentes acontecimentos da sociedade, dessa forma essa ciência nos instrumentaliza para acompanhar as mudanças pela qual o nosso espaço tem passado.

A geografia escolar deve ir bem mais além que só o uso do livro didático, as práticas desenvolvidas pelos professores em sala de aula pautadas nas propostas curriculares, são os

pontos que norteiam a produção do conhecimento geográfico. Entre esses pontos estão às categorias geográficas que servem como base para a geografia, cabe dessa forma compreender a importância e a especificidade de cada uma. A partir da compreensão de cada uma se consegue entender a geografia como um todo.

As categorias bases para a geografia são: paisagem, lugar, espaço, território e região esses conceitos orientam o ensino de geografia. “Indiscutivelmente é o espaço a principal categoria de análise da ciência geográfica, assim como também é ele o conceito referencial para o ensino de Geografia. É em torno de sua compreensão que todos os demais conceitos gravitam” (THIESEN, 2011, p.88).

Como elucidada Cavalcanti (1998):

Tais conceitos não são exclusivos da ciência geográfica, sendo utilizados, também, por outras ciências e pelo senso comum, de diferentes formas e com diversas acepções. Por essa razão, a geografia precisa considerar seus diferentes significados, do mesmo modo que a análise das representações dos alunos e professores dos conceitos geográficos escolhidos deve ser enriquecida pelo estudo dos conceitos geográficos nas suas formulações científicas. Afinal, essas formulações científicas são referências básicas para a estruturação dos conteúdos de geografia ensinada na escola (CAVALCANTI, 1998, p. 88).

Os conceitos geográficos são vistos de várias formas principalmente pelas outras ciências e a geografia não pode deixar de lado essas discussões deve considerar todos. Da mesma forma que o conhecimento trazido pelo aluno deve ser considerado, incentivando o aprofundamento dessa ciência, além das formulações científicas que servem como base para os conteúdos do ensino básico.

As categorias geográficas se expressam de formas diversas, representados pela ação do homem que para cada momento se constitui de uma forma diferente. São produtos da relação do homem com a natureza, são conceitos diferenciados que ao mesmo tempo se encontram para formar e dá sustentação a ciência geográfica.

O referencial curricular do ensino fundamental de geografia (2010) coloca como objetivo, a utilização das categorias geográficas para compreender a configuração geográfica do seu lugar até chegar ao global.

Devem-se levar em consideração as diferentes análises do espaço e em suas diferentes escalas caracterizando, o lugar, paisagem, território e região.

### 3.1.1 Lugar

Na ciência geográfica o conceito de lugar está ligado e é utilizado para fazer relação com as ideias de sentimento, pertencimento e identidade, e outros. Lugar é aquele ambiente onde as pessoas conhecem e se sentem parte daquele espaço. Pode ser considerado como algo familiar que contém elementos que se conhece bem que se vive diariamente.

Diferentemente de paisagem, necessário que se compreenda o lugar de dentro, como também precisa que seja visto de fora, é o espaço onde cada um realiza suas experiências pessoais, que se identifica afetivamente, aquele ambiente onde a vida de cada um acontece.

Como indica Carlos:

[...] o fato de que há também a dimensão da história que entra e se realiza na prática cotidiana (estabelecendo um vínculo entre o “de fora” e o “de dentro”), instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar [...] (CARLOS, 1996, p. 20).

A identidade de um lugar está ligada às marcas que cada pessoa através de sua cultura coloca naquele espaço, dessa forma o sentimento de pertencer aquele espaço são expressas pelas histórias e sentimentos que cada um exprime.

A categoria lugar tem suas características bem marcantes que por muitos é visto como espaço de resistência quando se fala em homogeneização dos espaços, aquele cuja identificação e pertencimento, as vezes, impede que se aceite o que vem de fora. O lugar só pode ser compreendido pelas referências que cada um pode fazer através de suas experiências.

As aulas trabalhadas com a categoria lugar requer que o professor faça o aluno refletir sobre onde eles vivem, instigando-o a descrever esse espaço, ajudando-o a revelar como o lugar é observado, através do fluxo de pessoas e de serviços, das residências, como também questionando como ele se sente naquele espaço, permitindo que produza o seu próprio conceito.

### 3.1.2 Espaço

Sendo o espaço resultado das relações entre sociedade e paisagem, nesse tocante o surge a partir de todas as modificações que o homem faz nas paisagens. A respeito, estudar

esse conceito é compreender a dinâmica que existe entre homem e natureza. O espaço é uma das categorias que conseguimos perceber permeando as demais. O espaço geográfico que as sociedades se organizam, que moramos produzimos e reproduzimos, devemos tentar compreendê-lo melhor.

Como destaca Cruz:

Entende-se que à medida que os grupos humanos alteram a natureza, o espaço geográfico modificado, produzido, adquire uma organização particular. Refletir como é organizado o espaço geográfico onde se vive é uma tarefa de um ensino comprometido com a formação de cidadãos ativos, capazes de tornarem-se cada vez mais sujeitos de sua própria história, engajados na participação no processo de constituição de uma sociedade mais plural, democrática e cidadã (CRUZ, 2012, p. 2).

Trata-se, então, do objeto de estudo da geografia, é o espaço onde encontramos os objetos (fixos) e os móveis (fluxos), o espaço geográfico está relacionado entre o meio natural e o cultural e dessa relação vai ocorrendo uma modificação e a produção de um espaço modificado, humanizado. É o lugar de ação de interação entre os elementos da natureza que são produzidos pelo homem, o espaço geográfico, não existe se não tiver o homem para fazer essas transformações.

Esse espaço nem sempre foi dessa forma, no início da constituição da sociedade surgiram os primeiros homens esses eram nômades e não modificava muito a natureza, ele permitia que a natureza fosse se refazendo, dessa forma enquanto éramos nômades modificávamos pouco à natureza, porém com o descobrimento da agricultura, que permitiu ao homem a fixação, ou seja, sedentarização em um lugar. A partir de esse momento o homem passa a transformar mais intensamente o espaço geográfico, pois os descobrimentos das novas técnicas facilitaram esse processo.

O espaço geográfico é a categoria onde todos os outros conceitos geográficos se estruturam, o espaço é, pois, um lócus onde objetos se organizam, dessa forma é necessário saber quais as formas de organização desses objetos, pois nesses não estão todos de uma mesma forma, mais cada um desempenha a sua função.

Como discorre Santos:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representadas por relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e de funções (SANTOS, 2004, p.153).

Sendo o espaço uma construção histórica que engloba todos os setores da sociedade, onde a produção e o consumo andam junto. Espaço é o resultado de uma relação e organização, fruto da ação humana sobre a natureza.

Portanto, o espaço e tempo se corroboram, pois um complementa o outro, para cada momento da história da humanidade existiu um espaço com funções e objetos próprios daquele momento, e com o passar do tempo foi ocorrendo modificações, porém o tempo histórico se responsabilizou por contar essas relações.

Concernente ao ensino de geografia, o espaço, é uma categoria chave, pois corrobora com todos os outros, dessa forma é muito importante como esse conceito é trabalhado, sendo a partir dele que todas as concepções geográficas são traçadas, a formação desse conceito na sala de aula deve partir da noção de espacialidade.

### 3.1.3 Paisagem

O conceito de paisagem é estudado em várias ciências, porém para a geografia é um dos seus conceitos fundamentais. Paisagem é, pois uma forma espacial, sua cor, seus barulhos, seu cheiro e tantas outras características, assim como enfatiza Santos (1986) que a paisagem é tudo aquilo que observamos que sentimos, cheiramos, além de tudo aquilo que em primeira estância vemos, quando chegamos em um local. Assim,

[...] as paisagens que mostram, por meio de sua aparência, a história da população que ali vive os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utilizam tais recursos. Assim, ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos e sons. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal retrato nos permite. Os objetos, as construções expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a história deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos (SANTOS, 1986, p. 97).

Dessa forma, a paisagem retrata um dado momento da história, contado nos dias atuais, porém ela não só retrata o que já se passou, mas também o que acontece atualmente, sendo assim, analisar uma paisagem requer observar nas suas minúcias a sua formação e desenvolvimento, bem como todas as modificações ocorridas na mesma.

Para Santos, “paisagem e espaço não são sinônimo”, ou seja, não são iguais. Se o espaço é sociedade, a paisagem também, porém existem diferenças entre esses conceitos e a discussão nunca chega ao fim.

Conforme Santos (2002, p. 103): “A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima”.

Sejam elas naturais ou culturais, as paisagens são representadas por formas que demonstram o que elas são e as modificações já ocorridas, e espaço, porém compreende todos esses movimentos que ocorrem em meio a essas paisagens.

A paisagem é humana, histórica e social; existe e se justifica pelo trabalho do homem, ou melhor, da sociedade. É produzida e justificada pelo trabalho enquanto atividade transformadora do homem social, produto de um momento apurado do aumento de forças produtivas, e passa a existir aos nossos olhos, por exemplo, por meio do tipo de atividade, do tipo de construção, da extensão e largura das ruas, estilo e arquitetura, densidade de ocupação, tipo de veículos, cores, usos, etc.

Segundo Santos (2002), a paisagem é uma escrita sobre a outra, que conta histórias de determinados momentos específicos, a produção também se dá dessa forma, pois se cada paisagem tem contornos diferentes o modelo de produção também se dá de forma desigual e diferente para cada espaço.

Portanto, propõe-se que um complexo formado de paisagens naturais e culturais, que apresentam elementos naturais; modificações destes elementos de acordo com aspectos culturais, econômicos e sociais; e, diferentes formas de ver, perceber e vivenciar a paisagem, essas formas irão ser justamente coordenadas por esses mesmos aspectos culturais, econômicos e sociais.

A produção do espaço tem se tornado um problema na sociedade contemporânea, tanto por parte da produção de capital de dinheiro como por parte da produção e reprodução da vida, o espaço urbano se tornou um campo de batalha entre pessoas e empresas, tendo sempre como objetivo final a arrecadação de capital e o lucro dos mais favorecidos nesse processo de desenvolvimento econômico.

O conceito de paisagem para ser trabalhado em sala de aula o professor pode fazer uso dos recursos didático, como a música e o estudo de campo, pois a paisagem parte do aspecto visível e também invisível, além de considerar o conhecimento que o aluno já tem sobre o conceito, além do mais esse conceito representa as modificações que o homem realiza nesse espaço.

Deve-se explicar ao aluno que paisagem é tudo aquilo que é perceptível por qualquer um dos sentidos, portanto a visão é a mais importante, deixando claro que a paisagem é formada por elementos naturais e culturais instigando o aluno a interpretá-la assiduamente.

### 3.1.4 Região

Alguns espaços apesar de estarem em um contexto bem maior têm características específicas a ele. Cada um desses conjuntos possui critérios para fazer parte de um mesmo grupo, esses critérios são definidos de acordo com o objetivo de cada grupo. Cada um desses seria configurado como uma regionalização.

A região é a parte de um todo, vem do processo de regionalização que tem como objetivo dividir o globo para melhor estudá-lo. Essa divisão deve ser feita entre áreas que tem características parecidas, e que podem ser articuladas com outras regiões, já que elas não se constituem isoladamente.

Corrêa aborda:

A região pode ser vista como um resultado da lei do desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas. Estes dois aspectos vão traduzir-se tanto em uma paisagem como em uma problemática, ambas específicas de cada região, problemática que tem como pano de fundo a natureza específica dos embates que se estabelecem entre as elites regionais e o capital externo à região e dos conflitos entre as diferentes classes que compõem a região. Os conflitos oriundos dos embates entre interesses internos, bem como entre interesses internos e externos, podem gerar uma desintegração da região, que se exprimirá na sua paisagem. (CORRÊA, 2000, p.22).

Para cada momento da história do pensamento geográfico, o conceito de região sofreu algumas reformulações, por ser um conceito complexo sempre foi alvo de críticas, ele está ligado aos estudos de diferenciação de área, discutindo que todo o planeta tem áreas menores que se diferem por algumas características das outras e ao mesmo tempo se parece com outras que tem caracterização que as une.

Na geografia tradicional se destaca dois conceitos de região: o de região natural e o de região geográfica, uma moldada pelas características da corrente geográfica determinista e a outra de origem possibilista.

Como destaca Corrêa (2000), “região natural é entendida como uma parte da superfície da terra e caracterizada pela uniformidade e integração dos elementos da natureza” (CORRÊA 2000, p.23). Já a região geográfica, também segundo Corrêa (2000), abrange uma paisagem e sua extensão territorial a relação homem e natureza convivem de forma harmônica, sendo, portanto palpável e concreta, existindo dessa forma uma relação entre as diferentes paisagens e suas diversidades.

Segundo Cavalcanti em suas pesquisas ele enfatiza que os alunos têm uma concepção de região como algo estático e definido, “nessa ideia não se inclui a noção do processo de escala ou de especificidade e de identidade tanto no sentido de região natural quanto no da região geográfica” (CAVALCANTI, 1998, p.105). Assim, essa categoria deve ser trabalhada para além de representações e imagens, e que as formulações científicas sejam utilizadas, sendo necessária uma ligação entre o saber científico e o cotidiano, para que novos conhecimentos sejam formulados.

É necessária então uma reflexão, pois esse conceito está voltado para o espaço vivido, mais são importantes que para efetivação desse conceito em sala de aula, na qual sua construção vá além do espaço vivido propondo uma diferenciação das dimensões encontradas nessa categoria, devendo ser trabalhadas com formas que facilitam a compreensão dos acontecimentos regionais, que algumas áreas se diferem uma das outras e ao mesmo tempo criando enraizamento com outras áreas, fazendo o aluno entender esse conceito de dentro para fora, considerando também o controle administrativo.

### **3.1.5 Território**

É um espaço delimitado por e a partir de relações de poder, todos os países tem um território, um espaço delimitado onde o governo exerce seu poder. Contudo, esses territórios também são vistos em áreas menores onde existem as territorialidades disputadas por grupos sociais diferentes.

O território vai sendo modificado de acordo com as necessidades da sociedade. É um espaço físico que tem leis e formas de organização definidas, não existe dessa forma território sem fronteiras.

Souza destaca, “os territórios existem e são construídos e desconstruídos nas mais diversas escalas” (SOUZA, 2000, p.81). Com o passar do tempo novos territórios vão surgindo e outros desaparecendo, ou seja, tanto podem ser fixos como também podem mudar.

Retomando o conceito de território compreende-se, portanto, um espaço definido por fronteiras ou limite territorial onde existem leis validas onde alguém exerce o seu poder. Dessa forma um espaço de um país, de um estado é chamado de território.

Falar de território sempre nos remete a concepção de território nacional, entendido como um espaço delimitado por fronteiras, no qual um Estado exerce a sua soberania, acima das demais instituições, como: família, empresas e outras.

No entanto, o termo território também pode ser usado em outras áreas, principalmente na sociedade atual. Nesse caso, falamos nos territórios indígenas, territórios da prostituição, da droga e outros, para cada área que determinado grupo exerce poder, vai ser considerado um território, essas são as diferentes funções que podemos dar a essa conjuntura. “Aqui, o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade [...]” (SOUZA, 2000, p.86). Várias são as relações que surgem nesses espaços, pois esse é um campo de forças, onde uma pode se sobrepor a outra.

Segundo Cavalcanti (1998), o território deve ser compreendido como uma produção dos homens ou, na expressão de Raffestin, dos atores sociais a partir das relações de poder tecidas desde o seu surgimento; “e poder, como uma força dirigida, orientada, canalizada por um saber enraizado no trabalho e definido por duas dimensões: a informação e a energia.” (Cavalcanti, 1998, p.107).

Como exemplo dessas relações, Souza (2002, p. 93) pontua que: “o processo de constituição de redes criminosas de organização criminosa no Rio de Janeiro remete à necessidade de se construir uma ponte conceitual entre o território em sentido usual (que pressupõe contiguidade espacial) e a rede (onde não há contiguidade)”. Assim, existem pontos que são ligados um ao outro através de seus fluxos, já outros não se têm nenhuma ligação, porém também tem funções específicas.

Desse modo, trabalhar na sala de aula com conceito de território não é tarefa fácil, nem para o professor e nem para o aluno já que para alguns é muito difícil fazer associações entre as suas diferentes concepções, compreender as delimitações, e também como se constitui o poder que existe dentro de cada um desses espaços complexos. Entretanto, o mais importante não é decorar esse conceito da forma que se apresenta nos livros didáticos, mas o professor deve mediar a construção do mesmo.

Sobre essa concepção Cavalcanti relata:

Trabalhar com os alunos na construção de um conceito de território como um campo de forças, envolvendo relações de poder, é trabalhar a delimitação de território na própria sala de aula, no lugar de vivência do aluno, nos lugares por ele percebidos (mais próximos- não- fisicamente- do aluno); é trabalhar elementos desse conceito- territorialidade, nós, redes, fronteira, limite, continuidade, descontinuidade, superposição de poderes, domínio material e não material- no âmbito do vivido pelo aluno (CAVALCANTI, 1998, p. 110).

Assim, a construção desse conceito, deve ser tratada com muito cuidado, iniciando essa reflexão do espaço de vivência do aluno, como exemplo a própria sala de aula pode ser considerada um território para começo dessa discussão, considerando o conhecimento que o aluno já tem sobre esse conceito.

O professor não deve perguntar ao aluno o conceito de território, mas deve ajudá-lo a construir, deve-se trabalhar o território como campo de forças tratando da disputa que existe dentro de alguns espaços, as formas de poder que são constituídas. A própria sala de aula pode ser usada na construção dessa concepção.

Portanto, é necessário fazer uma reflexão sobre cada conceito e sua importância, cada um tem sua especificidade apesar de fazer parte de um todo, muitas vezes os alunos confundem esses conceitos, dessa forma é importante que o professor tenha um conhecimento amplo sobre cada um, sendo capaz de incitar o aluno a refletir e construir suas próprias conclusões, evitando colocar seu conhecimento como o único correto, e já passar conceitos prontos, isso prejudica a produção de conhecimento e construção de cidadãos críticos e participativos.

#### **4 REALIDADES E DESAFIOS NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIO MEIRA DE SÁ**

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa, e as discussões acerca dos objetivos propostos, relacionando-os com os dados da pesquisa. Primeiramente, será feita a caracterização da escola Antônio Meira de Sá, destacando os pontos principais do Projeto Político Pedagógico – PPP, para sucessivamente serem analisados os 26 questionários, compostos por uma população respondente de 25 alunos e 01 da professora. Destacando as questões do ensino de geografia, e apresentando como as categorias são trabalhadas e se os alunos estão construindo esses conceitos.

A geografia percorreu um longo caminho até instaura-se como disciplina escolar, dessa forma muitos são os desafios e as perspectivas no ensino de geografia. No século XX a geografia estava voltada para ensinar as belezas naturais dos países, a decoração dos nomes de tipos relevo, clima, rios era o seu principal objetivo, se apresentava como uma disciplina mnemônica, onde decorar era o mais importante, questões como pobreza, fome, desigualdades sociais, violência, eram deixados de lado.

Muitas foram às discussões sobre suas teorias, objeto de estudo, metodologias, no entanto muitas transformações ocorreram no âmbito local e global. No século XXI, a geografia passou a ver o homem como ser que modifica, construindo e reconstruindo o espaço, preocupando-se com as mudanças no mundo atual.

Como enfoca Castrogiovanni:

O ensino fundamental e o médio devem ser acima de tudo, desafiadores, capazes de despertar o interesse dos alunos para a resolução dos problemas que a vida apresenta. Hoje, na chamada pós-modernidade, a escola deve proporcionar os caminhos necessários para que sujeitos/alunos possam compreender o cotidiano, desenvolvendo e aplicando competências (CASTROGIOVANNI, 2007, p.44)

A sociedade em que vivemos tem passado por várias mudanças, e uma delas seria o avanço tecnológico. Tudo isso têm trazido para o professor o desafio de conseguir competir com essa sociedade virtual, sem perder o seu espaço e para isso é preciso rever algumas práticas pedagógicas, e porque não dizer que o professor deve ser inovador.

O desafio de educar é árduo, não é uma tarefa fácil. Educar jovens mediando estes para viver nesse mundo contemporâneo, lhes propiciando desenvolvimento humano, suscita cada vez mais reflexões, principalmente para professores, assim como para todo corpo escolar.

Nem todos os alunos entendem os conteúdos da mesma forma, já que cada um tem ritmo de aprendizagem diferente e dessa forma as técnicas são grandes contribuintes para a associação do aluno com o conteúdo e como pode usar este no seu cotidiano. A educação em nosso país e, sobretudo, o ensino de Geografia, sofre constantemente críticas a respeito da falta de humanização no sistema implantado, conhecido apenas como “decoreba” de termos e afazeres geográficos. Assim, é relevante o estudo do procedimento de professores do ensino fundamental e médio, sendo que estes educadores devem conhecer os limites de sua ação, repensando sua prática profissional e passando a agir objetiva e coerentemente em face dos desequilíbrios e desafios que a realidade apresenta.

Reconhecemos que diante das peculiaridades e dificuldades identificadas no processo de ensino, é importante ao educador geógrafo criar uma ponte de interdisciplinaridade. As metodologias utilizadas definem o tipo de aula e o aprendizado dos alunos, assim contribuem para o estabelecimento de táticas eficientes que aperfeiçoem o processo de escolarização e socialização dos educando na escola. Em contrapartida, vale salientar que nenhuma metodologia de alfabetização, avançada ou não, leva por si só à existência do domínio de conteúdo unânime na turma.

Portanto, é um trabalho árduo que seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo, como formador de opinião no ambiente em que vive, dando-lhe mais maturidade e possibilidades de reflexão do mundo que o cerca.

A disciplina de geografia tem como objetivo formar cidadãos críticos capazes de compreender a realidade em que se vive, porém entender as mudanças na sociedade contemporânea não é fácil, já que essa se modifica com muita rapidez.

Como aborda Thiesen:

A Geografia que concebemos e entendemos deva ser ensinada, longe da inspiração positivista/mecanicista, é aquela comprometida com a multidimensionalidade, complexidade e conflitividade dos espaços onde os homens pensam e materializam suas ações mediatizados pela cultura, pelo trabalho, pela história e pelas relações sociais que estabelecem entre si e com o mundo (THIESEN, 2011, p.90).

Considerando tais aspectos, o professor deve participar ativamente dessa sociedade, derrubando aquela ideia de que a geografia é apenas uma nomenclatura que usa apenas métodos decorativos, essas são concepções que muitas pessoas ainda têm, esses são alguns dos desafios que os professores da ciência geográfica enfrentam. Muitos acreditam ainda que a geografia é uma disciplina fácil, desinteressada que qualquer um pode ensinar, esses são

alguns dos preconceitos que fazem com que a disciplina seja mal vista pelos alunos, sem contar com a ideia de somente aqueles que pouco sabem, vão ser professores.

Como destaca Santos:

A educação enfrenta “crise dos paradigmas dominantes” e quem opera na base do processo educacional, não faz idéia do que isso seja. Nas escolas seguem-se os discursos da “Qualidade de Ensino”, desenvolvido no país nos fins do século XX, que alimentou e ainda alimenta a lógica dos conteúdos mínimos para o ingresso no mercado de trabalho, foco das políticas “inclusivas” [...] (SANTOS, 2002, p.104).

Os sistemas de ensino, muitas vezes, são produzidos por pessoas que nunca foram na sala de aula, tendo em mente a existência da escola perfeita, muitos dos programas que são implantados dentro das escolas parte da classe dominante em que o objetivo final sempre é a quantidade, e não a qualidade.

Para tanto, o professor de geografia deve refletir sempre sobre a sua prática, ainda se acredita no paradigma de uma educação libertadora, que estruture toda a sociedade, baseado em conceitos chaves, que ajude no desenvolvimento dos aprendizados dos educando. Nunca se teve tanta necessidade de uma educação que liberte que não aliene, e sim seja capaz de formar cidadãos que saibam atuar na sociedade, deixando aquela educação bancária de lado e entendendo que os alunos não são receptáculos vazios, e sim pessoas que precisam participar da construção do seu próprio conhecimento.

A geografia nos propicia entender todas as mudanças ocorridas nos últimos tempos na sociedade, sendo assim a geografia pode facilitar o entendimento dessa dinâmica atual, mas não se esta falando daquela geografia tradicional que seu principal método de ensino é a decoraçãõ de conteúdos, e sim da nova geografia, que permiti que o aluno desenvolvesse seu senso critico e reflexivo, capaz de contextualizar situaçãõ, e formar suas próprias opiniões. “nessa perspectiva de inserçãõ intelectual e política, precisa ser tratado no contexto da educaçãõ escolar atual porque é um elemento constituinte dela. Isso com a sua devida clareza de seu papel e de sua identidade” (FILHO, 2010,p.85).

A inserçãõ da geografia como disciplina escolar levou a muitas discussões até a constituicãõ de seus objetivos norteadores, por muitos foi tida como inútil, onde sua prática não contribuía para a formaçãõ cidadã, isso muda com as definições de seu objeto e de suas categorias chave, que são usadas como a base para a tal ciência até os dias atuais.

#### 4.1 Geografia: recursos didáticos

Os recursos didáticos ou metodológicos são vistos de diferentes formas, são modos de conduzir uma aula criativa e produtiva, porém na maioria das vezes esses recursos são considerados como forma de enrolar uma aula e deixar o conteúdo de importância de lado, são essas opiniões que contribuem para que a geografia seja vista como uma disciplina sem importância e desnecessária para a educação dos discentes.

Acredita-se que aulas com a utilização de novos recursos possa inovar e facilitar o entendimento dos conteúdos. O professor procura métodos para atingir os objetivos propostos para sua aula. Por muito tempo o quadro e o giz foram utilizados como principais métodos para o desenvolvimento de uma aula. Contudo, com o passar dos anos essas aulas foram se tornando ultrapassadas, recaindo a responsabilidade do professor procurar novos métodos que chame a atenção dos alunos, então surgiram esses novos recursos como: os jogos didáticos, vídeos, música, mapas, poemas, imagens, projetor multimídia, globos, etc., que podem ser aproveitados e usados em uma boa aula de geografia. Cada professor exerce em sua prática um método, que também pode ser considerado como uma metodologia aplicada nas aulas. Esses recursos mais antigos (quadro e giz) utilizados pelo professor, não estão ultrapassados por completo, mas precisam ser complementados com vídeos, revistas, jornais, produções textuais, entre outros recursos didáticos.

Nem todo recurso metodológico garante uma boa aula de geografia, mais uma boa aula será julgada pela atitude do professor em sala e de como ele contribui para a educação dos alunos no âmbito educacional. Todos esperam da escola e do professor a responsabilidade de educar, sendo este visto como parte da família do aluno, e a família passa a incumbência de criar e educar os filhos para a escola.

No momento atual, as crianças e jovens estão sempre vivenciando a tecnologia como um apoio de muita importância e acabam transferindo a função do professor de transmitir e construir conhecimento para o computador e os programas que ele pode oferecer.

O computador é visto como um recurso didático, isso já sabemos, mas ele influencia na vida de uma criança e de um adolescente mais que uma família ou a escola, esse é o mal que ele acaba gerando, não se sabe a quem culpar, nesse caso, a educação cada vez mais é desvalorizada, e somos nós, futuros professores que devemos, pelo menos, tentar mudar algumas situações destrutivas e usar as tecnologias como um apoio construtivo.

É necessário levar em consideração que o professor pode usar esses recursos didáticos, no entanto, jamais estes podem tomar o seu lugar de mediador de conhecimento, pois, todas essas metodologias não falam por si só, e é de suma importância que o professor faça bom uso dessas tecnologias, não permitindo ser substituído. Sem dúvida o educador com o advento das novas tecnologias não poderia excluir essas da sala de aula, mas sim deve saber usá-las astutamente.

A sala de aula é o lugar onde a mágica acontece, além de ser o ambiente onde o professor deve usar para construir valores e conhecimentos, mediando e possibilitando novas situações, fazendo com que o aluno fique curioso e preste atenção, para que ele mesmo consiga construir seu próprio conhecimento.

Vivemos em uma sociedade onde as informações se dão a todo instante, ficando difícil prender a atenção dos alunos. Dessa maneira, o giz, quadro e livro didático se usados de modo inteligente pode interessar o alunado, porém os professores insistem em um ensino tradicional que já não atende as demandas atuais, surgindo assim, a necessidade constante do uso das novas tecnologias e novos recursos.

O ensino tradicional deixou profundas marcas no sistema educacional presentes até hoje, no qual é possível observar que alguns professores insistem com tais métodos arcaicos e que já não são interessantes para os alunos. Portanto, é indiscutível que o uso dos recursos didáticos facilita e auxilia no processo de ensino.

Na sociedade contemporânea, o uso dos recursos didáticos se tornam indispensáveis para o desenvolvimento de uma boa aula, principalmente se esses recursos estiverem ligados à tecnologia.

Todo aluno hoje tem acesso às tecnologias da informação, a internet está ao alcance de todos, aquelas aulas onde o professor só faz uso do livro didático, não tem muito proveito, porque no momento que o professor ministra o conteúdo, os discentes estão no celular tendo acesso a várias informações ao mesmo tempo.

O professor deve fazer um bom planejamento de suas aulas procurando sempre inovar e chamar a atenção dos alunos na prática, e claro se a escola dispuser de recursos didáticos que possam diferenciar aquela aula, o professor não deve pensar duas vezes para fazer o uso destes.

### 34.2 Caracterização geral da escola

A escola escolhida para realização dessa pesquisa é a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Meira de Sá, localizada na Rua Francisco Batista, nº 108, Bairro Centro, no município de Aparecida-PB.

**Foto01** Vista frontal da EMEF Antônio Meira de Sá



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

A referida escola foi construída em um terreno de doação, medindo 244m<sup>2</sup>. Em maio de 1988 a escola foi inaugurada. Nessa época o município de Aparecida era distrito da cidade de Sousa.

Atualmente a escola supracitada está estruturada com seis salas de aulas e uma sala em anexo do AEE, quatro banheiros, uma secretaria, um laboratório de informática, uma cozinha, dois depósitos (um de alimentação escolar e outro de materiais diversos) e uma pequena área coberta para recreação.

A instituição possui os seguintes equipamentos: um mimeógrafo a álcool, dois aparelhos de som, uma TV 29 polegadas, dois retroprojetores, um micro system, cinco lousas, cento e sessenta e quatro carteiras, oito birôs, uma mesa, uma máquina de datilografia, uma máquina de cortar isopor, dezesseis cadeiras, seis estantes de aço, dois bebedouros, um fogão industrial, um armário de cozinha, oito armários escolares, dois roupeiros de aço, uma câmera digital, um freezer, uma geladeira, treze ventiladores, nove computadores, três impressoras, um aparelho de DVD e ainda contamos com utensílios de cozinha e material esportivo como: bolas, rede de vôlei, bambolê, etc.

A escola possui atualmente 221 alunos matriculados. O Ensino Fundamental I funciona no turno da manhã com 75 alunos, na faixa etária entre 06 a 16 anos. O Ensino Fundamental II funciona no período da tarde, há 116 alunos, na faixa etária entre 10 a 17 anos. E na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA, funcionando no turno da noite, possuem 30 alunos matriculados, na faixa etária entre 16 á 83 anos. Na tabela abaixo serão apresentados os dados sobre as turmas de ensino fundamental que existem na escola e algumas características sobre estas, destacando o 7º ano.

**Tabela01** Características gerais do Ensino Fundamental II

<b>Série</b>	<b>Turno</b>	<b>Alunos Matriculados</b>	<b>Faixa Etária</b>
6º ano	Tarde	43	10 a14 anos
<b>7º ano</b>	<b>Tarde</b>	<b>32</b>	<b>11 a 16 anos</b>
8º ano	Tarde	25	12 a 17 anos
9º ano	Tarde	16	15 a 18 anos
Total de alunos		116	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foi feita a caracterização da escola através da observação das aulas e do espaço físico. A professora regente sempre se manteve prontamente a ajudar fornecendo todas as informações sobre a turma, além de conversas informais na sala de professores, colaborando grandemente para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Através das observações foi possível perceber que a escola é pequena e recebe um número razoável de alunos, a maioria da zona rural. Contudo, a escola se mantém bem organizada, poucos casos de indisciplina são observados tanto nos corredores como nas salas de aulas, os professores aparentam ser bem comprometidos. A sala do 7º ano tem 25 alunos como mostra a tabela acima, porém não se percebe uma dificuldade para o professor ministrar as aulas.

A escola procura desenvolver alguns projetos que relacionam a importância da preservação do meio ambiente. As avaliações são feitas através de notas qualitativas e

quantitativas, possui um sistema de avaliação contínua sendo realizado um exercício no final do bimestre.

A escola encontra-se bem estruturada, acabou de ser realizada uma reforma, assim se apresenta muito organizada, com a fachada limpa, as salas ordenadas e ventiladas com 4 ventiladores em cada uma, além de possuírem janelas que favorecem ainda mais o arejamento do ambiente e cadeiras novas. A diretoria e a sala dos professores são bem apertadas, sendo que a diretoria funciona na sala de comutação e a sala dos professores em uma sala que funciona no turno da manhã o fundamental I, assim as cadeiras são bem baixinhas o que dificulta o trabalho dos professores.

Apesar de alguns problemas, a professora relata que faz o que pode para desenvolver uma boa aula, e que recebe dos alunos também esse empenho. No entanto, sempre existem aqueles que são trabalhosos, que segundo ela consegue contornar a situação e desenvolver seu trabalho, discorrendo ainda que a maior dificuldade enfrentada é o uso dos recursos didáticos, principalmente, o Data show e a TV.

### 4.3 Categorias geográficas e a visão da professora

Para a realização desse estudo foi realizado um questionário com 20 questões, respondidas pela professora regente da turma. Este questionário teve como objetivo conhecer a professora e seu conhecimento sobre as categorias geográficas. Procurando verificar as metodologias usadas, identificando como as categorias geográficas estão sendo trabalhadas, conhecendo também a sua formação. Na tabela a seguir são apontadas algumas informações sobre a professora regente.

**Tabela 02** Características da formação docente da professora regente

FORMAÇÃO	Graduada em Geografia e Especialista
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Campina Grande
ANO DE FORMAÇÃO	2010
TEMPO DE MAGISTÉRIO	6 anos
CARGA HORÁRIA	40 aulas semanais

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Enfatiza-se que a professora colaborou de forma prestativa com a pesquisa, sem se incomodar com as perguntas e a presença na sala de aula. Se colocando sempre a disposição para ajudar.

A partir da análise da tabela, observa-se que a professora tem formação recente, terminou o ensino superior em 2010, logo em seguida 2011 concluiu sua pós-graduação em Educação Contextualizada para convivência com o Semiárido. Segundo ela a escolha da profissão foi “pela falta de opção na região” a mesma não esperava ser professora, até que no mesmo ano de sua formatura passou em dois concursos um pelo Estado da Paraíba, e outro no Município de Aparecida, até então ela não tinha experiência nenhuma com a sala de aula, tinha tido contato somente durante os estágios que para ela não contribuíram muito. Nas observações das aulas e na sua relação professor aluno, ela se apresenta muito preparada, desenvolvendo práticas docentes bem significativas, destacando nesse contexto, a sua formação.

O questionário aplicado para a professora teve como objetivo entender qual a sua visão sobre o processo de ensino aprendizagem e quais são as suas dificuldades, com ênfase para o estudo das categorias geográficas. Serão apresentados os resultados do questionário aplicado, que tem como estrutura perguntas e respostas, o qual foi analisado criteriosamente, servindo como base para essa discussão, mostrando ainda como se encontra o ensino de geografia naquela repartição de ensino.

O primeiro questionamento feito à professora foi o seguinte: Quais as principais dificuldades para lidar com os alunos? A mesma respondeu de forma sucinta: “A falta de interesse e de comprometimento”.

Então para a professora a falta de empenho dos alunos dificulta o processo de ensino aprendizagem, para ela seria necessário que os alunos se comprometessem mais, assumindo a posição de aprendiz. Segundo ela a falta de acompanhamento por parte dos pais também dificulta esse processo.

Ensinar vai mais além que transmitir conteúdo, é criar situações para que o conhecimento aconteça. Aquele sistema de transferir, decorar, repetir conhecimento, já não funciona no momento atual.

Karling (1991, p. 23), diz que ensinar é:

- Criar condições favoráveis para a aprendizagem do aluno (psicológicas, didáticas e materiais);
- Selecionar experiências, propor atividades, mostrar as pistas, o caminho e os meios que o aluno poderá usar para alcançar os objetivos preestabelecidos;
- Facilitar e não forçar a aprendizagem;

- Estimular e orientar a aprendizagem;
- Orientar o aluno para observar as semelhanças entre um fato e outro, entre uma ideia e outra, para que ele próprio estabeleça relações, organize sua estrutura mental e resolva problemas, ou seja, orientar o pensamento do aluno.

Dessa forma, dentro desse processo ensinar é: mediar situações para a formulação de conhecimento. Ensinar é estimular o aluno a aprender. Deve levar em consideração que o processo de ensino não acontece somente na sala de aula, entre professor e aluno mais em outros ambientes esse processo também acontece, sendo interessante que o professor use o espaço de vivência dos alunos para ajudar nesse processo.

A questão seguinte foi: Quais as metodologias são usadas nas aulas? “Aulas expositivas e dialogadas, músicas, apresentação de slides e exposição de mapas, entre outros”.

A prática docente da professora tem o predomínio das aulas expositivas e dialogadas, assim relata que a escola dispõe de poucos recursos diferenciados. Destaca também que como trabalha em duas escolas muitas vezes não tem tempo de planejar uma aula mais elaborada, porém ela concorda que na sociedade atual não tem como não fazer uso de algum recurso mais sofisticado, pois o aluno tem acesso à informação na palma da mão e aulas que fazem uso somente do livro didático se tornam desinteressantes.

Por muito tempo, o ensino tradicional permeou sem exceções as salas de aula, a ideia em que o professor era o detentor do conhecimento, na era das tecnologias tem seu conceito transformado, abrindo caminho para aquele que intermedeia o conhecimento. Sendo o processo de ensino algo evolutivo que está sujeito a mudanças a qualquer momento.

A educação é um sistema que evolui na interação entre dois indivíduos e de um indivíduo com o mundo e a cultura na qual está inserido. É a partir da interação e da troca que a aprendizagem torna-se possível. Segundo a perspectiva interacionista em ciências sociais, o indivíduo e seu ambiente físico e social são indissociáveis, se formam e se transformam na interação. (BRAGA, 2012, p.8).

Para que o processo de ensino aconteça faz-se necessário a relação professor aluno e o ensino aprendizagem e que dentro dessa relação ocorra troca de conhecimento e não transferência. Nesse sentido, o uso dos recursos didáticos se torna indispensável para o acontecimento de uma boa aula. No ensino de geografia que tem como objeto de estudo o espaço, fazer uso desse recurso muitas vezes se torna primordial para uma boa compreensão do aluno. Todavia, algumas escolas não dispõem de recursos mais sofisticados e caberá ao professor fazer o melhor uso possível dos que estão a sua disposição. Como diz França (2009), recurso didático é todo o tipo de material usado para facilitar o entendimento do aluno em relação ao conteúdo, por exemplos: Data show, cartazes, filmes, revistas, jogos, mapas entre outros.

Nesse contexto de recurso didático surge, mas novas tecnologias, os jovens estão tendo acesso a esses recursos cada vez mais cedo, e assiste-se a um novo momento dentro das salas de aulas, pois as informações são acessadas a todo o momento, e o professor fica em algumas situações perdidos.

O reconhecimento de uma sociedade cada vez mais tecnológica deve ser acompanhado da conscientização da necessidade de incluir nos currículos escolares as habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias. No contexto de uma sociedade do conhecimento, a educação exige uma abordagem diferente em que o componente tecnológico não pode ser ignorado (MERCADO, 1998, p. 01).

Sendo assim, na sociedade atual não se pode desconsiderar a importância das novas tecnologias na sala de aula. O professor deve se adaptar a essas situações e a esses novos métodos e usá-los como ferramenta para o desenvolvimento de aulas dinâmicas.

É necessário que o professor tenha consciência da sua tarefa, que não é fácil, e consiga despertar no aluno o desejo de aprender, e para que isso aconteça, requer desse educador uma dedicação plena a sua função de mediador de conhecimento e que entenda que os recursos didáticos existem para auxiliar no processo de ensino e não para substituí-lo. As aulas de geografia podem ser bem mais interessantes se o professor optar por fazer usos das novas tecnologias.

O outro questionamento escolhido para a discussão foi: Como são trabalhadas as categorias geográficas nos conteúdos? “De forma contextualizada com o conteúdo e com o ambiente local”.

Percebe-se que a professora procura trabalhar as categorias geográficas de forma contextualizada, buscando sempre trabalhar do local para o global o que está certo, pois para o aluno compreender as relações existentes no mundo é preciso primeiro entender o que acontece a sua volta. Para a professora é necessário buscar compreender as relações do homem com o espaço, já que é o objeto de estudo da geografia, em várias perspectivas e em escalas variadas, para que não haja um conhecimento “fracionado” limitado ou descontextualizado do espaço.

De acordo com Castellar e Vilhena (2010): “Na aquisição do conhecimento, devem-se evidenciar as capacidades de raciocínio por meio da interligação entre os conceitos, possibilitando a organização de uma rede de conceitos que estruturam o conceito-chave que esta sendo principal”. Assim, o ensino não pode ser desconexo principalmente no que se trata das categorias geográficas, pois são elas que dão embasamento e estrutura a ciência geográfica.

Em relação às categorias geográficas os PCNs destacam:

No que se refere ao ensino fundamental, é importante considerar quais são as categorias da Geografia mais adequadas para os alunos em relação a essa etapa da escolaridade e às capacidades que se espera que eles desenvolvam. Assim, espaço deve ser o objeto central de estudo, e as categorias território, região, paisagem e lugar devem ser abordados como seu desdobramento (BRASIL, 1998, p. 27).

O espaço é o centro dessa ciência e os demais conceitos fazem base para este. Assim, o professor deve procurar as melhores maneiras de se trabalhar com esses conceitos já que estes dão suporte para a disciplina.

#### 4.4 Categorias geográficas visão dos alunos

Os dados foram obtidos através da pesquisa direta, com aplicação de questionário, desenvolvida com 25 alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, com o objetivo de verificar como estão sendo construídos os conceitos geográficos, e se eles estão sendo apreendidos. Vale destacar que as informações expressas aqui nessa pesquisa retratam a realidade da escola posta pelos alunos nas suas respostas. A tabela a seguir faz uma breve caracterização da turma.

**Tabela 03:** Delineando a turma

Escola	Disciplina	Ano	Turno	Tuma	Sexo	
					F	M
Antônio Meira	Geografia	7º	Tarde	A	8	17

Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

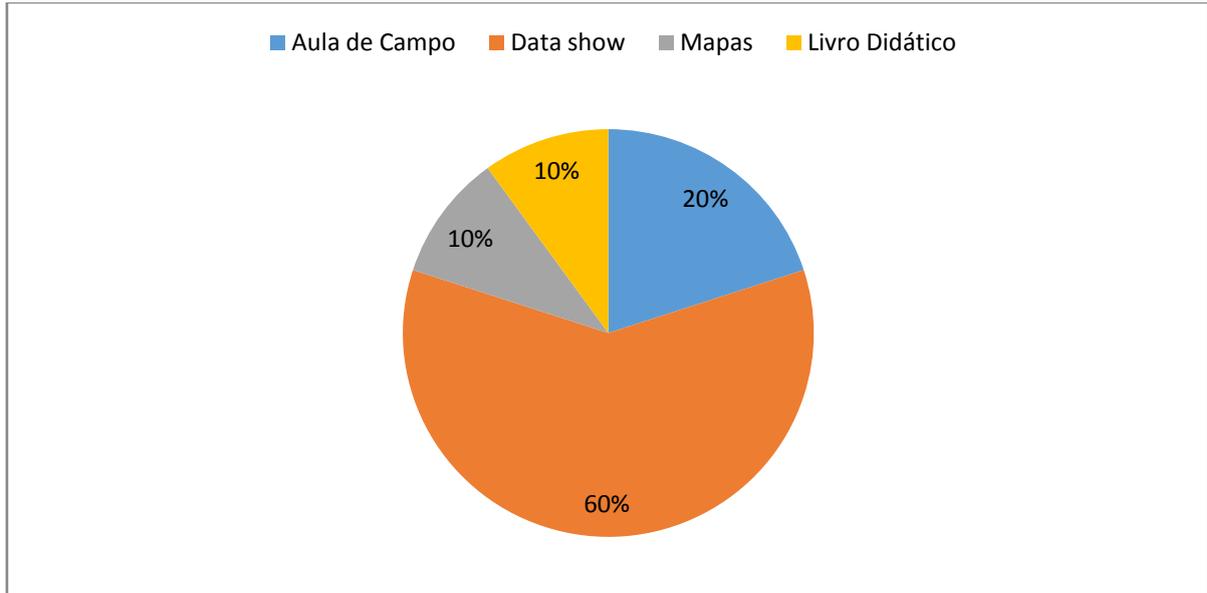
Como observado na tabela, foram ouvidos um número de 25 alunos do 7º ano, turno tarde, sendo 8 mulheres e 17 homens. Através de algumas conversas com os alunos foi possível perceber que eles gostam da disciplina, e o índice de reprovação é quase zero. Assim, verifica-se que a disciplina não é aquela que o aluno considera muito difícil, e que tem uma dificuldade de aprender, salientando que desse modo é mais fácil para o professor ministrar uma disciplina em que os alunos têm simpatia e o processo de ensino aprendizagem se torna mais proveitoso.

O questionário aplicado para os alunos também foram de perguntas e respostas, e aqui será apresentada a interpretação destas, primeiro será colocada a pergunta e suas respectivas interpretações sobre as respostas.

*Pergunta 01:* Quais os recursos que a professora utiliza facilitam a aprendizagem sobre os conteúdos?

Dos recursos que foram colocados como possíveis respostas que foram elas: Aula de campo, explanação oral, livro didático, leitura de imagem, mapas, data show e TV, tiveram quatro que se destacaram nas respostas serão apresentados no gráfico a seguir:

**Gráfico 01** Recursos didáticos elencados como



**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Diante do exposto, podemos perceber que o Data show e a aula de campo são os recursos preferidos pelos alunos, uma vez elencados, se reforça a ideia de aulas diferenciadas com uso de novos recursos. Na sociedade contemporânea é necessário que o professor reflita sobre suas práticas pedagógicas, os educando tem contato com a tecnologia muito cedo, assim eles encontram uma dificuldade enorme em se concentrar em aulas onde o professor não faz uso de nenhum recurso além do livro e da explanação oral.

[...] sem dúvida essas ferramentas na escola ajudam bastante tanto os professores quanto os alunos a desenvolver habilidades importantes no ensino-aprendizagem. Além de despertar a curiosidade, permitem retirar os alunos das aulas rotineiras, sem nenhuma expectativa, as quais fazem com que causem certo tipo de antipatia pela disciplina (CALADO, 2012, p.16).

Constatamos assim, que o ensino de geografia com usos das novas tecnologias permite que o aluno interaja mais em sala de aula, muitas vezes com o uso de imagens e vídeos, as aulas se tornam mais atrativas e interativas, contribuindo assim para a aprendizagem mais eficaz.

*Pergunta 02: Qual o Objeto de estudo da geografia?*

Para essa pergunta 24 responderam que era o espaço geográfico e só um respondeu, território, assim fica nítido que a maioria tem o conhecimento sobre o objeto de estudo da geografia, e sobre sua importância para esta ciência, já que ele o responsável por explicar todas as modificações que ocorrem no espaço. Esse conceito é assegurado por autores como Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Ruy Moreira, os quais elucidam o espaço como foco da ciência geográfica.

*Pergunta 03: Para você a geografia é uma disciplina?*

Sem importância, pois não trabalha com nada que me interesse.	1
Chata.	0
Importante, pois trabalha com situações do nosso dia a dia, por isso se torna fácil.	24

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016.

Ao observar os dados, podemos ver que a maioria dos alunos considera a geografia uma disciplina importante, pois trabalha com situações cotidianas, por isso se torna fácil. A geografia é uma disciplina marcante e indispensável para qualquer pessoa, é através dela que podemos compreender todas as relações que existem no mundo e todas as modificações ocorridas no planeta, sejam elas naturais ou culturais.

*Pergunta 04: Conceitue as seguintes categorias geográficas: Espaço, lugar, paisagem, região e território.*

Segundo os alunos, espaço é:

- ✓ A1- “É onde vivemos um espaço que está em constante mudança”;
- ✓ A2- “É o ambiente que a gente vive que já foi modificado pelo ser humano”;
- ✓ A3- “É onde os seres humanos vivem e transformam”.

Observa-se que os conceitos apresentados apesar de serem colocados de forma simples são bem desenvolvidos, essas concepções começam a ser construídas no 6º ano e no 7º, já se tem uma noção do que seja o espaço, pois é ele o objeto de estudo da geografia.

Todas essas respostas apresentam o conceito de espaço com suas respectivas afinidades, claro que precisam melhorar. É evidente que nesse estágio os alunos ainda não conseguem expressar conceitos formais, assim se constata que as respostas estão todas no caminho certo, e os alunos entendem qual a importância do espaço para a geografia.

Nesse viés, é importante propiciar ao educando uma análise do espaço geográfico, através da construção das categorias geográficas permitindo uma aproximação com sua realidade, bem como sua compreensão e diferentes formas de intervenção do espaço vivido. Pois, a partir do momento que o aluno visualiza sua inserção no contexto local conseguirá compreender o contexto regional, nacional e global. Assim, a utilização dos saberes geográficos no cotidiano dos alunos contribuirá para melhorar os resultados da prática docente (SILVA; SILVA, 2012 p.2).

As categorias são de extrema importância para a geografia, pois elas são a base de sustentação para essa ciência, dessa forma é muito importante que o aluno compreenda cada uma, o espaço é a mais importante, é dele que as demais se definem, e é a partir desses conceitos que o aluno consegue entender das relações que acontecem a sua volta em todas as escalas.

Sobre o conceito de paisagem os alunos destacaram:

- ✓ A4-“É tudo que se ver, tudo que a vista alcança, existe a paisagem natural e a paisagem cultural”;
- ✓ A5-“É tudo o que se ver”;
- ✓ A6-“As paisagens são bonitas”.

A maioria dos entrevistados respondeu que “as paisagens são bonitas”, sabemos que não é bem isso, independente de serem bonitas ou feias tudo que está ao nosso redor é considerado paisagem (um rio de água limpa e cristalina, uma favela com toda a sua falta de estrutura). Outros já conseguem definir o que é paisagem de uma maneira não científica, mais já construíram esse conceito, “É tudo que se ver” quebra o paradigma que paisagem é só o bonito ou o feio, paisagem é tudo que se pode ver em todas as dimensões “Assim, a categoria paisagem tende a evidenciar a coexistência de objetos e formas em sua face sociocultural manifesta” [...] (LOPES, 2012,p.28) Assim as paisagens se apresentam como naturais e culturais, e é de suma importância que o aluno tenha esse entendimento sobre o conceito.

Já sobre o conceito de lugar, obtivemos o seguinte apontamento:

- ✓ A7-“É onde a gente vive”.

O aluno tem uma concepção muito simples do que é lugar, o conceito de lugar abrange duas correntes a humanista e a crítica, na humanista o lugar é tido como base do homem, ligado a essência, sentimento pertencimento, já na radical lugar é tida como uma construção do homem ao longo dos tempos.

O conceito para ser trabalhado em sala de aula deve considerar essas duas correntes mais a sua relação com o espaço, pois o lugar articula o espaço formando uma grande teia. A construção desse conceito deve ir bem mais além das simples representações que se conhece, assim, a “compreensão de que lugar só pode ser entendido como expressão da totalidade,

inacabada, em movimento, levando a necessidade de ampliar o entendido para no concebido” (CAVALCANTI, 1998, p.91).

Quando foram questionados sobre a categoria região os alunos escreveram:

✓ A8-“É onde existe um conjunto de elementos parecidos”.

Na análise das respostas dos alunos, esse é o conceito que apresenta menos coerência, essa é uma categoria que juntamente com território fazem base para o conteúdo do 7º ano, apesar de também englobar as demais. O 1º capítulo do livro que a professora estava trabalhando tinha como título *Brasil: Território e fronteira*. A professora trabalhou esses conceitos dando exemplos próximos à realidade dos alunos.

O conceito de região sempre provocou algumas discussões, e ao longo destas adquiriu várias definições. Na geografia, esse “conceito tem apresentado várias proposições sendo formulado e reformulado diversas vezes, já foi trabalhada com o conceito de região natural, região geográfica, tida somente como uma divisão de áreas com características peculiares” (CAVALCANTI, 1998, p.102). Recentemente, alguns autores chegam a trabalhar com região destacando o seu fim em virtude do processo de globalização, enfatizando que esse processo resultaria na homogeneização dos espaços.

Pelas minhas observações e com as respostas dos questionários perceber-se que a professora entende esse conceito, e usa os recursos que tem disponível para o desenvolvimento de sua aula.

Sobre o conceito de território eles apontaram:

A9 - “Território é onde existe um governante”;

A10 -“É um espaço delimitado”.

Sobre esse conceito, os alunos já conseguem ter a clareza das relações de poder que existem para e da delimitação do espaço, esse conceito, assim como apresentado anteriormente, é essencial para o entendimento dos conteúdos a serem ministrados no 7º ano. Nessa perspectiva, o território surge como muito importante para o estudo do mundo dividido por fronteiras políticas entre estados, associado também a nação e soberania, usado sempre quando se trabalha com países. Sendo assim, os alunos devem compreender com mais clareza esse conceito.

O território é considerado como uma delimitação de relações de poder, domínio de parcelas do espaço natural e também geográfico do espaço mundial. Esse conceito deve ser apresentado como uma produção dos homens.

É necessário trabalhar o conceito de território como um campo de disputas que envolvem relações de poder, possibilitando ao professor trabalhar na própria sala de aula, ou

em espaços que estejam na vivência do aluno, associando este a outros conceitos como delimitação, territorialidade, descontinuidade e fronteiras.

No entanto, percebe-se a dificuldade dos alunos em compreender todas as relações que levam a constituição do conceito de território, apesar da professora fazer referência em diferentes escalas eles não conseguem fazer uma relação clara desses acontecimentos. Porém fica nítido a importância de se entender essa categoria, permitindo que o educando possa relacionar as diferentes escalas, sendo necessário que o professor não indague sobre esse conceito, assim também como os demais, mas ajude-os a construí-los.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização dessa pesquisa buscou-se constatar como estava sendo trabalhadas as categorias geográficas e quais as metodologias utilizadas no desenvolvimento das aulas de geografia, se contribuía ou não para o processo de aprendizagem. O estudo permitiu fazer algumas discussões, desde o início dessa ciência, sua efetivação como disciplina e como estão sendo aplicados os conceitos-chaves da mesma.

Assim, o estudo das categorias geográficas é muito importante para a geografia escolar, pois é base de sustentação para essa ciência. A construção desses conceitos, espaço, paisagem, lugar, região e território são indispensáveis para a compreensão das modificações, relações e organização do espaço em que vive.

Sabemos que a sala de aula é dinâmica, o aprendizado não se dá de forma homogênea, porém ainda nos deparamos com salas de aula totalmente tradicionais, onde os alunos ainda são postos frente à memorização, e são essas características que fazem o aluno não gostar da disciplina.

As categorias geográficas devem ser trabalhadas passo a passo aos conteúdos, não separadamente, não existe o momento certo de se ensinar cada uma, elas fazem parte da ciência, então o ensino da geografia requer o conhecimento dessas categorias, pois são partes inerentes a ela.

É importante, sempre partir de uma escala local, lembrando que esses conceitos já foram formulados e reformulados várias vezes passando por diversas correntes do pensamento geográfico, e não estão prontos e acabados, podendo ser modificados.

Dessa forma, por esse estudo, foi possível concluir que para o desenvolvimento de um ensino de geografia efetivo é preciso considerar o espaço vivenciado pelo aluno, sendo necessário o professor despertar no educando seu senso crítico, mostrando que eles são sujeitos ativos desse processo de ensino-aprendizagem, sendo indispensável, valorizar o conhecimento contextualizado do aluno. Nessa perspectiva, o professor tem a sua disposição inúmeras metodologias que podem ser usadas para isso, relacionando a criatividade para desenvolver aulas bem interessantes, onde o aluno se sinta atraído a participar desse processo ativamente, melhorando assim, o processo de ensino-aprendizagem.

Foi constatado que os educandos participantes desse estudo têm, sobre alguns conceitos, uma visão equivocada, percebendo-se que existem alguns espaços em branco sobre definições importantes, principalmente o de região e território. Já outros conceitos estão em

fase de construção, ainda naquelas nomenclaturas bem genéricas mais que condiz com o conceito científico.

Ainda, verificou-se a necessidade de se dar mais importância ao desenvolvimento dessa ciência, que é a geografia. Concernente à infraestrutura da escola, esta se apresenta com uma boa qualidade, não prejudicando o processo de ensino.

Por fim, esse estudo esclarece que existe a necessidade de se rever algumas práticas docentes, principalmente no que se refere ao ensino das categorias geográficas, para poder melhorar a qualidade dessas aulas, e conseqüentemente o aprendizado.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. (Org.). **Século de práticas de ensino de geografia: permanências e mudanças**. In: Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo; SIEBRA, Firmiana Santos Fonseca. **A importância das representações cartográficas na compreensão e construção do conceito de espaço geográfico em sala de aula**. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre. 2009. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(13\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(13).pdf). Acesso em: 20 mar.2016.

BRAGA, Elayne de Moura. **Os elementos do processo de ensino-aprendizagem: Da sala de aula à educação mediada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs)**. Ministério da Educação Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM Minas Gerais – Brasil Revista Vozes dos Vales, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Disponível em: <http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-05-geografia.pdf>. Acesso em: 22 Fev. 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

COLANGELO, Antonio Carlos. **Geografia física, pesquisa e ciência geográfica**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 16, pp. 09 - 16, 2004 . Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geousp/Geousp16/Artigo1f.pdf>. Acesso em: 25 Fev. 2016

CORREA, Carolina Zundt. **Objeto da Geografia: a análise do conceito segundo os professores da rede pública de ensino de Londrina – PR**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós- Graduação em Educação, 2014. 121 f.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região: Um Conceito Complexo**. In.: Região e Organização Espacial. São Paulo: Ática, 2000. 7. ed. p. 22-36.

CRUZ, Claudete Robalos da. **Espaço Geográfico como categorias essencial para a constituição de uma cidadania ativa: contribuição de Paulo Freire e Milton Santos**. IX seminário de pesquisa em educação da região sul. Rio Grande Do Sul. 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. 4 ed. Nova Fronteira, 2001.

FIALHO, Lia Fialho; MACHADO, Charliton; SALES José Álbio Moreira de. **As correntes do pensamento geográfico e a Geografia ensinada no Ensino Fundamental: objetivos, objeto de estudo e a formação dos conceitos geográficos**. *Educação em Foco*. Ano 17 - n. 23 - julho 2014. Disponível em: <http://www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/view/432>. Acesso em: 10 de fev. 2016.

KARLING, Argemiro Aluísio. **A didática necessária**. São Paulo, Ibrasa, 1991.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2ed, São Paulo. Contexto, 2011.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação docente e novas tecnologias**. IV congresso Ribie, Brasília, 1998. p. 01.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo. 21 ed. Annablume, 2007.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal e ALVES, José. **Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: Elementos para a prática educativa**. In\_: Geografia-Volume 11 – Número 2 – Jul/Dez.2002. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6733/6075> Acesso em: 19 Fev. 2016.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.s). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 p.

PONTUSCHKA, Níbia Nacib. Etal. **Para ensinar e aprender geografia**. 3º Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

REGO, Nelson. **Geografia. Porto Alegre**. Artmed, 2007.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. **diferentes linguagens na educação geográfica da cidade rio de janeiro**. *Revista Continentes*, ano 1, n. 1. Rio de Janeiro. 2012. Acesso em: 10 de fev. 2016

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6 ed. Editora da universidade de São Paulo. 2004. Disponível em: <http://geografiaacademicadownload.blogspot.com.br/>. Acesso em: 02 Fev.2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1998.

SEABRA, Giovane. **Geografia: Fundamentos e perspectivas**. 4º. Ed. Rev e ampliada. João Pessoa. Editora Universitária. 2007.

SILVA, Maria do socorro Ferreira da; SILVA, Edimilson Gomes da. **O ensino da geografia e a construção dos conceitos científicos.** IV Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade, São Cristóvão – SE, Brasil, 2012. Disponível em: [http://educonse.com.br/2012/eixo\\_05/pdf/6.pdf](http://educonse.com.br/2012/eixo_05/pdf/6.pdf). Acesso em: 28 Fev. 2016

Silva, Maria Rejane da **O ensino-aprendizagem das categorias geográficas nas séries iniciais do ensino...**/ Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFPB/CCEN. João Pessoa, 2010. 121 p.

SILVA, Lenyra Rique da. **A natureza contraditória do espaço geográfico.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de prática de ensino, XIII semana de pedagogia da UEM: “Infância e práticas educativas”.** Maringá, PR, 2007. Disponível em: [http://www.pec.uem.br/pec\\_uem/revistas/arqmudi/volume\\_11/suplemento\\_02/artigos/019.pdf](http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf). Acesso em: 2 Mar. 2016

THIESEN, Juares da Silva. **Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino.** Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.1, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs.2.2/index.php/geografia/article/viewFile/7379/4418>. Acesso em: 2 Mar. 2016

VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI.** São Paulo: Plêiade, 2009.

VESENTINI, José William (Org.). **o ensino de geografia no século XXI.** Campinas São Paulo: Papyrus, 2004.

**ANEXOS**  
**QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA**

**QUESTIONÁRIO PROFESSOR**

- 1-Formação (Graduação, Especialização, Mestrado, etc.);
- 2-Tempo de magistério;
- 3-Razões que levaram a escolha da profissão;
- 4-Sobre os alunos:
  - 4.1-Principais dificuldades para lidar com os alunos;
  - 4.2-Participação dos pais no processo de ensino;
  - 4.3-Indisciplina;
  - 4.4-Qual o nível de aprendizagem dos alunos?
  - 4.5-Quais as metodologias que são trabalhadas nas aulas?
  - 4.6-Como são trabalhadas as categorias geográficas no conteúdo?
  - 4.7- Qual a sua concepção sobre o livro didático? O que poderia ser mudado?
  - 4.8-Qual objeto de estudo da geografia?
  - 4.9-Qual sua abordagem sobre os conteúdos? (Local, Regional, Global)
- 5-Sobre a escola:
  - 5.1-Infraestrutura;
- 6-Sobre o ensino:
  - 6.1-Principais metodologias utilizadas;
  - 6.2-Abordagem dos conteúdos;
  - 6.3- O que deve melhorar?

## QUESTIONÁRIO DO ALUNO (7º ANO)

1 - Para você quais os procedimentos ou materiais utilizados pelo professor para ensinar Geografia que facilitam o aprendizado?

- a) Observação
- b) Aula de campo
- c) Explanação oral
- d) Livro didático
- e) Leitura de imagem
- f) Descrição
- g) Experimentação
- h) Relatos
- i) Mapas
- j) Data show e tv

2- Qual objeto de estudo da geografia, marque a alternativa correspondente:

- a) Paisagem
- b) Espaço geográfico
- c) Lugar
- d) Território
- e) Região

3- Para você geografia é uma disciplina:

- a) Sem importância, pois não trabalha com nada que mim interesse.
- b) Chata.
- c) Importante, pois trabalha com situações do nosso dia a dia, por isso se torna fácil.

4- conceitue as seguintes categorias geográficas:

A) Espaço

---

---

B) Paisagem

---

---